

Índice

Estrutura simbólica de Mensagem:	3
Primeira Parte - Brasão	4
I - Os Campos	5
Primeiro: O DOS CASTELOS	5
Segundo: O DAS QUINAS	7
II - Os Castelos	8
Primeiro: ULISSES	8
Segundo: VIRIATO	9
Terceiro: O CONDE D. HENRIQUE	10
Quarto: D. TAREJA	11
Quinto: D. AFONSO HENRIQUES	12
Sexto: D. Dinis	14
Sétimo (I): D. JOÃO O PRIMEIRO	15
Sétimo (II): D. FILIPA DE LENCASTRE	16
III – As Quinas	17
Primeira: D. DUARTE, REI DE PORTUGAL	17
Segunda: D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL	17
Terceira: D. PEDRO, REGENTE DE PORTUGAL	18
Quarta: D. JOÃO, INFANTE DE PORTUGAL	19
Quinta: SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL	20
IV - A Coroa	21
NUN'ÁLVARES PEREIRA	21
V - O Timbre	22
A Cabeça do Grifo: O INFANTE D. HENRIQUE	22
Uma Asa do Grifo: D. JOÃO, O SEGUNDO	22
A Outra Asa do Grifo: AFONSO DE ALBUQUERQUE	23
Segunda Parte - Mar Português	24
I - O INFANTE	24
II - HORIZONTE	25
III - PADRÃO	26
IV - O MOSTRENGO	26
V - EPITÁFIO DE BARTOLOMEU DIAS	28
VI - OS COLOMBOS	29
VII - OCIDENTE	30
VIII - FERNÃO DE MAGALHÃES	30
IX - ASCENSÃO DE VASCO DA GAMA	32
X - MAR PORTUGUÊS	33
XI - A ÚLTIMA NAU	33

XII - PRECE	35
Terceira Parte - O Encoberto	37
I – Os Símbolos	37
Primeiro: D. SEBASTIÃO	37
Mito sebastianista	38
Segundo: O QUINTO IMPÉRIO	38
Quinto Império	39
Terceiro: O DESEJADO	40
Quarto: AS ILHAS AFORTUNADAS	41
Quinto: O ENCOBERTO	42
II – Os Avisos	42
Primeiro: O BANDARRA	43
Segundo: ANTÓNIO VIEIRA	43
Terceiro: Escrevo meu livro à beira-mágoa.	44
III – Os Tempos	46
Primeiro: NOITE	46
Segundo: TORMENTA	46
Terceiro: CALMA	47
Quarto: ANTEMANHÃ	48
Quinto: NEVOEIRO	49
Informações sobre a obra Mensagem:	51
Exaltação patriótica presente em Mensagem	51
O Herói	51
Natureza épico-lírica da obra	51

Estrutura simbólica de *Mensagem*:

3 partes – 3 épocas:

“Brasão”	“Mar Português”	“O Encoberto”
Idade do Pai: As pedras basilares da nacionalidade portuguesa.	Idade do Filho: Os que, recolhendo a herança, a dilataram pelos mares e continentes.	Idade do Espírito: Idade que ainda não veio, embora tenha sido anunciada; o Espírito encoberto que espera o Desejado.
Génese: Os fundadores e construtores do império.	Vida: Realização do império territorial sonhado. Período áureo.	Morte e renascimento: Fim das energias do império. Renascimento do império, não material, mas espiritual: o Quinto Império.

Primeira Parte - Brasão

“Brasão”: distintivo daqueles que foram distinguidos pelos seus feitos ou das famílias nobres

Bellum sine bello: A Guerra Sem Guerra – apelo a uma “guerra” sem armas convencionais – o sonho, a resistência ao imobilismo, ânsia de Absoluto, vontade, aceitação do destino como Povo e espírito de missão que lhe está associado.

- I. **Os Campos:** terrenos simbólicos nos quais a luta se inicia. Simbologia da terra, espaço de fecundidade, de vida. A obra realizada pelos fundadores e construtores do império.
- II. **Os Castelos:** valores da fundação e da defesa da nacionalidade, sendo portadores da origem e do futuro. Força, nobreza e coragem.
- III. **As Quinas:** transposição heráldica das chagas de Cristo, que foram, segundo uma lenda, oferecidas pelo próprio Cristo ao nosso primeiro rei, antes da Batalha de Ourique. Nestes cinco poemas são consagrados heróis-mártires, ou seja, reis e infantes que contribuíram com o seu sacrifício ou sangue para cimentar a mística nacional.
- IV. **A Coroa:** simboliza a perfeição e o poder; promessa de imortalidade. Representada pelo arquétipo do herói-cavaleiro puro, o Condestável D. Nuno Álvares Pereira, que coroa simbolicamente o fundador da dinastia de Avis, D. João I.
- V. **O Timbre:** o grifo vinca, em termos icónicos, uma dupla natureza celeste e terrestre, as duas qualidades de sabedoria e de força de Cristo: atuação dessas duas realidades na história mítica de Portugal. A cabeça deste animal representa o Espírito, Sabedoria, Sonho, enquanto as suas asas transportam esse sonho, do plano celeste ao terrestre.

I - Os Campos

Primeiro: O DOS CASTELOS

A Europa jaz, posta nos **cotovelos**:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe **românticos cabelos**
Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.

Fita, com olhar esfíngico e fatal,
O Ocidente, **futuro do passado**.

O rosto com que fita é Portugal.

Análise Formal: 4 estrofes irregulares. Todos os versos são decassilábicos heróicos, com exceção do 4º verso da 1ª estrofe que é hexassilábico. A primeira estrofe tem rima cruzada.

O título remete para os sete castelos que defendiam Portugal depois de D. Afonso III ter conquistado o Algarve aos Mouros.

1ª estrofe: A Europa está imóvel e é **personificada** como uma mulher. Ela fita de Oriente (Balcãs) a Ocidente (Península Ibérica), olhando para o Oceano (**futuro**). A expressão “olhos gregos” remete para o facto de a cultura grega ter sido a génese da cultura ocidental.

Intertextualidade com *Os Lusíadas* no canto III, estrofes 6 – 21.

2ª estrofe: referência a dois outros impérios (“Itália” e “Inglaterra”). “A mão sustenta, onde se apoia o rosto”: o cotovelo correspondente está apoiado em Inglaterra, o que quer dizer, metaforicamente, que Portugal seguirá a aventura marítima inglesa.

3ª estrofe: “olhar esfíngico e fatal” – olhar misterioso para o desconhecido, mas decidido que é aquilo que corresponde ao futuro da Europa.

Oxímoro: estrutura paradoxal de modo a expressar que, no futuro, se cumprirá o passado que foi, outrora, glorioso (“**futuro do passado**”, v.11).

4ª estrofe: Portugal terá um papel messiânico relativamente à “salvação” da Europa, no sentido em que é a ele que lhe compete contrariar a estagnação deste continente por meio dos Descobrimentos.

Resumo: A Europa é perspetivada pelo poeta como figura feminina cujo rosto é, indubitavelmente, Portugal – “O rosto com que fita é Portugal. Porém, esta figura feminina “jaz”, melhor dizendo, está deitada sobre os cotovelos, numa atitude de hipotético adormecimento, ou de espera,

vivendo das memórias de um passado, cujas raízes culturais estão associadas à Grécia, Itália e Inglaterra. Desta atitude passiva, expectante, apenas o rosto parece estar animado de vida, porque fita, olha fixamente o Ocidente – o mar, onde a Europa se lançou através de Portugal, na grandiosidade das descobertas com a qual traçou o seu próprio futuro. Neste sentido, só Portugal parece estar pronto a despertar e o seu olhar é, simultaneamente, “esfíngico e fatal”, ou seja, enigmático e marcado pelo destino. Assim, o poeta refere-se, sem dúvida, ao papel de Portugal como líder inegável de uma nova Europa, cujo futuro recuperará a glória do passado. A missão de Portugal está, desde logo, assinalada pela sua localização geográfica estratégica: conquistar o que está para oeste, o mar, criando um novo império que dará continuidade à supremacia do restante império europeu. O título do poema é uma alusão ao território português, protegido por os sete castelos que, uma vez conquistados aos mouros, definiriam a geografia de Portugal.

Intertextualidade:

20 Eis aqui, quase cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa,
E onde Febo repousa no Oceano.
Este quis o Céu justo que floresça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fora, e lá na ardente
África estar quieto o não consente.

21 Esta é a ditosa pátria minha amada,
A qual se o Céu me dá que eu sem perigo
Torne, com esta empresa já acabada
, Acabe-se esta luz ali comigo.
Esta foi Lusitânia, derivada
De Luso, ou Lisa, que de Baco antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nela então os Íncolas primeiro

Luís de Camões, *os Lusíadas*, **Canto III**

Tal como neste poema de *Mensagem*, a estrofe 20 do canto III d' *Os Lusíadas* referencia Portugal como a cabeça da Europa – “quasi cume da cabeça de Europa toda” – atribuindo-lhe uma missão predestinada. N' *Os Lusíadas*, essa predestinação é ditada pelo “Céu” que quis que Portugal vencesse na luta contra os mouros. Quer num texto, quer noutro, é perceptível um forte sentimento patriótico, uma vez que o papel de Portugal face à Europa é enfatizado. No texto camoniano, tal sentimento expressa-se tanto pela forma como o poeta vê Portugal como líder da Europa (“cabeça”), como na expressão do amor do narrador, Vasco da Gama, pela “ditosa pátria”, onde espera vir a morrer depois de cumprida a sua missão. Já Pessoa valoriza o papel de Portugal junto da civilização ocidental, ao colocá-lo como resto que fita “O ocidente, futuro do passado”. É um sentimento muito patriótico aquele que leva Pessoa a antever a construção de um império muito para além do material e é também esse sentimento o que o leva a apontar Portugal como cabeça e Itália e Inglaterra como cotovelos.

Segundo: O DAS QUINAS

Os Deuses vendem quando dão.
Compra-se a glória com desgraça.
Ai dos felizes, porque são
Só o que passa!

Baste a quem baste o que lhe basta
O bastante de lhe bastar!
A vida é breve, a alma é vasta:
Ter é tardar.

Foi com desgraça e com vileza
Que Deus ao Cristo definiu:
Assim o opôs à Natureza
E Filho o ungiu.

Análise formal: Rima cruzada.

1ª estrofe: nada é conquistado sem sacrifício, ou seja, para alcançar a glória é preciso ser esforçado e abnegado (vv. 1 e 2). Coitados daqueles que são felizes, porque não passam disso: acomodam-se à felicidade momentânea, sem ambicionar mais nada (vv. 3 e 4).

2ª estrofe: A vida é curta, por isso devemos ir à luta realizar os sonhos da nossa “alma vasta”. “Ter é tardar”, ou seja, conformarmo-nos com aquilo que já temos é simplesmente aceitar o destino, em vez de ambicionar mais.

3ª estrofe: Assim, foi com sofrimento e sacrifício que Deus opôs Cristo à natureza habitual do homem de se conformar com a vida, tendo ele morrido por nós, sem ter desistido daquilo que pretendia.

Resumo: O poeta faz uma série de afirmações paradoxais – “Os deuses vendem quando dão” –, ou baseadas em jogos de palavras – “Baste a quem basta o que lhe basta” – com um único objetivo: mostrar que para se atingir a grandeza, para se conquistar a glória é indispensável estar disposto a sofrer – “Compra-se a glória com a desgraça”. Qual será, pois, o destino do Homem, mais particularmente o do Homem português? O mesmo de Cristo: tal como Ele, os portugueses só ascenderão a um plano superior, transcendendo-se, superando as limitações da própria vida, por natureza efémera – “A vida é breve, a alma é vasta”. Estão, então, traçadas as potencialidades da alma portuguesa, uma alma que se afirma “vasta”, grande – será esta grandeza de alma que presidirá todos os heróis de Mensagem. Se se descodificar o título do poema, “as quinas” correspondem às cinco chagas de Cristo, símbolo do sofrimento e morte redentores da humanidade. Por conseguinte, as quinas são, desde logo, a expressão de que só o sacrifício conduz à redenção e à glória, projetando a missão de Portugal para um plano de espiritualidade.

II - Os Castelos

Primeiro: ULISSES

O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo —
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.

Análise formal: 3 quintilhas nas quais os primeiros quatro versos de cada uma são heptassilábicos e o último é tetrassilábico. Rima cruzada.

Ulisses é figura lendária do navegador errante, cujo espírito aventureiro o levou a enfrentar o mar durante dez longos anos, vivendo e ultrapassando os seus inúmeros e difíceis obstáculos, até, finalmente, aportar na sua ilha natal, Ítaca. Ulisses antecipa, assim, o destino de um Portugal voltado para a aventura marítima, celebrada na nossa história.

Título: a fundação da nossa nacionalidade é colocada numa origem remota e mítica.

1ª estrofe: em termos semânticos é um paradoxo, quase como um axioma (verso 1) – em termos figurados, Ulisses não existiu realmente, mas a sua função mítica foi tão forte que foi um dos fundadores da nossa nacionalidade. Assim, tal como o mito de Ulisses, também o sol é o “nada que é tudo”, iluminando os céus com a sua luz, face visível da sua existência; tal como o mito de Ulisses, também Deus é invisível aos olhos e revelador apenas pela fé, sendo estes dois conceitos usados como exemplos de mitos. O mito – a lenda – é o nada (não existe), mas, ao mesmo tempo, é tudo porque explica o real, fecundando-o: “Assim a lenda se escorre/A entrar na realidade,/E a fecundá-la decorre.” (3ª estrofe).

2ª estrofe: “aqui” – Lisboa. Ulisses foi um mito, mas precisamente por isso ajudou a fundar Portugal. Embora não existindo, Ulisses aparece associado ao nascimento de Portugal, mais propriamente à cidade de Lisboa, o que evidencia, desde logo, a missão espiritual de Mensagem. Recurso expressivo: metonímia (“aqui” - Lisboa/Portugal).

3ª estrofe: o mito mistura-se com a realidade, fecundando-a, pois a vida sem o mito/lenda é “metade de nada”, ou seja, não é nada. Ulisses representa o mito que, juntamente com a história, dará

vida a Portugal. Ele é o mito que fecunda a realidade, dando sentido à vida – “A lenda se escorre a entrar na realidade/E a fecundá-la decorre”. O mito funda a realidade, embrenhando-se na mesma e tornando-a devedora do mito.

Na terceira estrofe, iniciada pelo conector “Assim”, é reafirmada a importância do mito na criação e explicação da realidade. Deste modo, o poeta diz que, se a vida, a realidade, não for movida pela força criadora do mito, será nada, “metade de nada”, dado que, sendo efémera e transitória, morre.

Intertextualidade - Canto VIII:

- Armada estacionada em Calecut

- Narrador: Paulo da Gama

- Narratário: Catual de Calecut

4 (...) Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
Depois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpétuos edifica,
E templo a Palas, que em memória fica?

5 Ulisses é o que faz a santa casa
A Deusa, que lhe dá língua facunda;
Que, se lá na Ásia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.

Luís de Camões, Os Lusíadas, Canto VIII

Tal como em Mensagem, Os Lusíadas recuperam a lenda fundadora de Ulisses, atribuindo-lhe a fundação de Lisboa.

Segundo: VIRIATO

Se a alma que sente e faz conhece
Só porque lembra o que esqueceu,
Vivemos, raça, porque houvesse
Memória em nós do instinto teu.

Nação porque reencarnaste,
Povo porque ressuscitou
Ou tu, ou o de que eras a haste —
Assim se Portugal formou.

Teu ser é como aquela fria
Luz que precede a madrugada,
E é já o ir a haver o dia

Na antemanhã, confuso nada.

Análise formal: 3 quadras com versos octossilábicos. Rima cruzada.

1^a estrofe: realça a importância das características do herói para a nossa nacionalidade. A memória do passado é a base da actualidade.

2^a estrofe: nesta estrofe, também são frisados os heróis que Viriato encarna, pois ele não está presente neste poema como um só, mas sim representando outros também. A memória destes heróis mantém o povo e a nação vivos.

3^a estrofe: “Luz que precede a madrugada” e “antemanhã” remetem para a mesma ideia: Viriato é o herói antes da fundação da nossa nacionalidade.

Resumo:

Viriato surge neste poema como um símbolo, dadas as características que lhe são atribuídas.

Assim, o sujeito poético refere-se àquilo que perdura (“memória em nós”, v.3), falando de um instinto patriótico de Viriato (“raça”, v.3), marcas de um herói e de um líder que fazem desta figura um dos fundadores lendários de Portugal.

Viriato apresenta-se como uma figura com características a seguir: a coragem, o altruísmo, o espírito de sacrifício, a ousadia, a força e o patriotismo. Estes aspetos são os alicerces da construção da nossa nacionalidade e são eles que ficam na memória do povo.

Terceiro: O CONDE D. HENRIQUE

Todo começo é involuntário.

Deus é o agente,
O herói a si assiste, vário
E inconsciente.

À espada em tuas mãos achada

Teu olhar desce.

«Que farei eu com esta espada?»

Ergueste-a, e fez-se.

D. Henrique foi o pai do primeiro rei de Portugal, sendo, por isso, considerado o fundador da monarquia.

Observando o *degradeé*, que Pessoa faz, de mitos-absolutos para mitos-homem, aqui já temos um homem com uma vida com mais evidências e documentos do que a de Viriato.

Análise Formal: Rima cruzada.

1^a estrofe: D. Henrique não sabia o que o futuro lhe traria, nomeadamente o futuro do seu filho (v.1), pois é Deus que rege o destino dos homens (as grandes obras “têm sempre a mão de Deus”). No entanto, os heróis tentam muitas vezes lutar contra o Destino (v.3) e, muitas vezes, sem pensar nas consequências (“E inconsciente”).

2ª estrofe: a espada é um símbolo, não só de guerra, mas de mudança.

3ª estrofe: D. Henrique ergueu a espada e “fez-se”, ou seja, devido às suas acções cumpriu-se o nascimento de Portugal, sendo esta figura um meio para um fim maior: Portugal.

Quarto: D. TAREJA

As nações todas são mistérios.
Cada uma é todo o mundo a sós.
Ó mãe de reis e avó de impérios.
Vela por nós!

Teu seio augusto amamentou
Com bruta e natural certeza
O que, imprevisto, Deus fadou.
Por ele reza!

Dê tua prece outro destino
A quem fadou o instinto teu!
O homem que foi o teu menino
Envelheceu.

Mas todo vivo é eterno infante
Onde estás e não há o dia.
No antigo seio, vigilante,
De novo o cria!

D. Teresa, a quem se refere este poema de Fernando Pessoa, foi infanta do reino de Leão e condessa do Condado Portucalense. Disputou o domínio do Condado com o filho, D. Afonso Henriques (primeiro rei de Portugal) na batalha de São Mamede.

Dado papel de D. Teresa na origem da nossa nacionalidade, este poema integra a primeira parte da obra, intitulada “brasão”, na qual é tratada a fundação do nosso país e que é constituída por poemas que aludem aos fundadores e heróis que se tornaram símbolos da nação.

1ª Estrofe: O poeta inicia afirmando, por meio de uma metáfora (vv.1-2), que cada nação tem um destino a cumprir e que possui, em si, a capacidade de atingir grandes feitos. Complementando o sentido dos dois primeiros versos, o poeta declara que, com D. Teresa, se dá o início dos feitos destinados a Portugal. Assim sendo, nos dois versos seguintes, através da apóstrofe no verso 3, o sujeito poético invoca aquela que é considerada, simbolicamente, a origem da nacionalidade portuguesa e pede-lhe que interceda pelo país, apelando ao seu lado maternal e protetor.

2ª Estrofe: O poeta faz uma referência ao conflito que ocorreu entre D. Afonso Henriques e sua mãe (v.6) e enaltece o primeiro rei português quando, no sétimo verso, alude à dificuldade

dos feitos do mesmo, dada a improbabilidade da independência do condado portucalense, face ao reino de Leão e Castela e, assim, do nascimento de Portugal. Deste modo, demonstra a sua admiração pois apenas a determinação, ambição e coragem de D. Afonso Henriques o poderiam levar a atingir os seus objetivos.

3º Estrofe: Expressa o desejo de que as preces a D. Teresa ajudem a mudar o rumo de Portugal (que, do ponto de vista do sujeito poético, não é benéfico) e contribuam para dar continuidade ao que a própria começou, ou seja, o cumprimento da glória destinada ao nosso país. Os versos 9 e 10 podem, assim, ser interpretados como uma crítica aos governantes da altura contemporânea do poeta. Nesta lógica, nos dois últimos versos da estrofe, o sujeito poético, num tom entristecido, afirma que “o homem que foi teu menino/envelheceu”. Neste verso, é utilizada uma sinédoque, na qual é referido D. Afonso Henriques (“teu menino”) com a intenção de representar Portugal. Assim, o poeta realça o estado do país que está envelhecido, estagnado e sem ambição.

4ª Estrofe: o poeta demonstra ainda alguma esperança, como é visível no verso 13, onde é transmitida a ideia de que todos temos capacidades para, tal como fez D. Afonso Henriques, lutarmos por algo melhor. Os últimos dois versos são a explicitação da vontade de que o país renasça e volte a ser ativo, ambicioso e glorioso, como outrora.

Em suma, o poeta utiliza a figura de D. Teres e de seu filho para expressar a sua deceção com o estado atual do país mas, também, através do exemplo de D. Afonso Henriques, a sua esperança num renascer de Portugal.

Quinto: D. AFONSO HENRIQUES

Pai, foste cavaleiro.
Hoje a vigília é nossa.
Dá-nos o exemplo inteiro
E a tua inteira força!

Dá, contra a hora em que, errada,
Novos infiéis vençam,
A bênção como espada,
A espada como bênção!

Análise formal: Rima cruzada.

1ª estrofe: “Pai” – apóstrofe que invoca D. Afonso Henriques, pois ele é o pai de Portugal, uma vez que foi o nosso primeiro rei. Ele foi cavaleiro e cumpriu o seu dever, mas hoje somos nós que temos de ter a sua coragem (v.2). O sujeito poético pede-lhe para que nos dê o exemplo e a sua força.

2ª estrofe: o sujeito poético pede-lhe ainda que sirva de exemplo aos portugueses para que estes não permitam que “novos infiéis (todos os que criavam obstáculos) vençam”, utilizando a espada, tal como ele fez para conquistar o território e defender a fé, que deve ser entendida como bênção – D.Afonso Henriques é equiparado a Deus.

Espada:

- Confere luminosidade (tudo à sua volta se torna claro);
- Defesa dos valores (morais, religiosos, nacionais);
- Símbolo de cavalaria união mística entre o cavaleiro e a espada;
- Valor profético;
- Símbolo:
 - Da Guerra Santa: da guerra interior;
 - Do verbo, da palavra;
 - Da conquista do conhecimento;
 - Da libertação dos desejos;
 - Da espiritualidade;
 - Da vontade divina;

Intertextualidade:

43 Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no sumo Deus, que o Céu regia,
Que tão pouco era o povo batizado,
Que para um só cem Mouros haveria.
Julga qualquer juízo sossegado
Por mais temeridade que ousadia,
Cometer um tamanho ajuntamento,
Que para um cavaleiro houvesse cento.

44 Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quais o principal Ismar se chama;
Todos experimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a ilustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a formosa e forte Dama,
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Termodonte já gostaram.

45 A matutina luz serena e fria,
As estrelas do Pólo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso, o animava.
Ele, adorando quem lhe aparecia,
Na Fé todo inflamado assim gritava:
— “Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,
E não a mim, que creio o que podeis!”

Luís de Camões, Os Lusíadas, Canto III

N’Os Lusíadas, como não podia deixar de ser, é dado um destaque enorme a D. Afonso Henriques, figura que preenche as estrofes 28 a 84 do canto III. Ele é o fundador da nação, o escolhido por deus que legitima o seu poder ao aparecer-lhe na batalha de Ourique. De resto, a lenda de Ourique,

muito alimentada desde o século XVI, serviu para conferir uma dimensão sagrada ao nascimento de Portugal. Na *Mensagem*, curiosamente, o poema dedicado a D. Afonso Henriques não refere a lenda, mas ela está lá, implícita, através da espada/bênção.

Sexto: D. Dinis

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo **a**
O plantador de naus a haver, **b**
E ouve um silêncio múrmuro consigo: **a**
É o rumor dos pinhais que, como um trigo **a**
De Império, ondulam sem se poder ver. **b**

Arroio, esse cantar, jovem e puro, **c**
Busca o oceano por achar; **d**
E a fala dos pinhais, marulho obscuro, **c**
É o som presente desse mar futuro, **c**
É a voz da terra ansiando pelo mar. **d**

D. Dinis: sexto Rei de Portugal. Ficou conhecido como o Rei Lavrador pelo impulso que deu à agricultura durante o seu reinado. Fundou a primeira universidade. Apaixonado pela cultura, era trovador.

Análise Formal:

- Paradoxos e antíteses: “silêncio múrmuro” (v.3); Metáfora: “como um trigo/ De Império, ondulam sem se poder ver”, ou seja, os pinhais são comparados a campos de trigo, na medida que tal como o trigo é colhido para dar origem ao pão, também a madeira dos pinheiros será colhida e dará origem às naus dos Descobrimentos.
- 2 quintilhas decassilábicas, exceptuando os segundos versos de cada quintilha (octossilábicos).
- Rima cruzada, emparelhada e interpolada.

1ª estrofe: D. Dinis escreve a sua poesia (cantigas de amigo). Foi ele que plantou o pinhal de Leiria, futura fonte de madeira para as naus da Índia (v.2). Os dois primeiros versos do poema remetem, de imediato, para essa dupla faceta de “trovador” e “lavrador” – D. Dinis “escreve um seu Cantar de Amigo” e é “plantador de naus a haver”.

Pressente o futuro (o mistério fala-lhe no silêncio) (v.3) relativo à origem de um império, o qual ainda não existe (v.5).

2ª estrofe: o cantar de D. Dinis inocente como o de um ribeiro (arroio: pequeno ribeiro), procura um palco maior tal como o ribeiro procura o oceano ainda por descobrir, sendo o som dos pinhais comparado ao som desse mar futuro e à vontade de um povo que futuramente abandonará a terra para conquistar o mar.

Neste poema, destaca-se toda uma série de vocábulos que exprimem sons, vozes, rumores, como se de uma profecia se tratasse (“marulho obscuro”; “fala dos pinhais”; “o rumor dos pinhais”). Todos eles profetizam a grande epopeia marítima portuguesa dos séculos XV e XVI.

D. Dinis é, então, o profeta que sabe intuir, de forma sibilina (enigmática), o grande império das descobertas. Assim, o que se preconiza é o sonho fundador que permita a construção de um tempo futuro.

Intertextualidade:

96 Eis depois vem Dinis, que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.
Com este o Reino próspero florece
(Alcançada já a paz áurea divina)
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquila claros lumes.

97 Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso ofício de Minerva;
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pisar do Monde-o a fértil erva.
Quanto pode de Atenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva.
.Aqui as capelas dá tecidas de ouro,
Do bácaro e do sempre verde louro.

98 Nobres vilas de novo edificou
Fortalezas, castelos mui seguros,
E quase o Reino todo reformou
Com edifícios grandes, e altos muros.

Luís de Camões, Os Lusíadas, **Canto III**

D. Dinis não poderia deixar de figurar na Mensagem, obra que se ocupa sobretudo dos mitos e à qual da História, interessa precisamente a matéria mítica. Nesse sentido, D. Dinis figura como um mito da iniciação, o antecipador da grande empresa de descoberta do mar desconhecido, aquele que soube escutar a voz do mar. Já n'Os Lusíadas, epopeia que se ocupa da matéria histórica elaborada como caminho para a construção do império, da glória e do heroísmo, D. Dinis merece pouco mais de duas breves estrofes, pois ele não é um rei guerreiro e os seus feitos não são feitos de armas.

Sétimo (I): D. JOÃO O PRIMEIRO

O homem e a hora são um só
Quando Deus faz e a história é feita.
O mais é carne, cujo pó
A terra espreita.

Mestre, sem o saber, do Templo
Que Portugal foi feito ser,
Que houveste a glória e deste o exemplo
De o defender,

Teu nome, eleito em sua fama,

É, na ara da nossa alma interna,
A que repele, eterna chama,
A sombra eterna.

D. João foi o “Mestre de Avis” e salvou Portugal de ser entregue aos espanhóis, matando o Conde Andeiro.

1ª estrofe: interligação entre Deus e o ser humano: homem – ocasião – destino – Deus. Alguns homens acham o seu destino na história, embora sejam controlados por quem faz o seu destino (Deus).

2ª estrofe: elogio ao patriotismo de D. João.

3ª estrofe: imortalização do rei. A sombra induz o esquecimento, mas o “nome” de D.João foi colocado em destaque como protector. Deste modo, a sua chama vive no coração dos portugueses.

Sétimo (II): D. FILIPA DE LENCASTRE

Que enigma havia em teu seio
Que só génios concebia?
Que arcanjo teus sonhos veio
Velar, maternos, um dia?

Volve a nós teu rosto sério,
Princesa do Santo Gral,
Humano ventre do Império,
Madrinha de Portugal!

D. Filipa de Lencastre foi uma princesa inglesa da Dinastia de Lencastre, filha de João de Gante (primeiro Duque de Lencastre) e Branca de Lencastre. Casou-se com D. João I em 1387 no Porto, no âmbito de uma aliança Luso-Inglesa contra França e Castela. D. Filipa e o marido tiveram oito filhos, dos quais seis deixaram a sua marca na história, razão porque ficaram conhecidos como a Ínclita Geração (assim chamada pelo poeta Luís de Camões em *Os Lusíadas*).

Análise Formal: 2 quadras. Versos em redondilha maior (com 7 sílabas métricas). Rima cruzada (ABAB).

1ª Estrofe: É constituída por duas interrogações, que sugerem uma admiração do sujeito poético pela Ínclita Geração, integrada por D. Filipa e seus descendentes, entre os quais o Infante D. Henrique (o “Navegador”) e o rei D. Duarte I (o “Eloquent”). Com efeito, todos os sucessores desta rainha destacaram-se na história, quer pela sua sapiência, quer pela sua cultura, o que levou o poeta a questionar-se do mistério por trás da progenitora “que só génios concebia” (vv. 1-2), apontando, de igual modo, para a proteção divina, por analogia à vinda do arcanjo Gabriel para anunciar a Maria o nascimento de Jesus Cristo (“Que arcanjo teus sonhos veio/ Velar”, vv. 3-4).

2ª Estrofe: O sujeito poético apela ao “rosto sério” de uma mãe que, com um olhar preocupado, cuida e ensina os seus filhos (v.5). Desta forma, D. Filipa de Lencastre é a “princesa do Santo Gral” (v.6), de linhagem nobre, invocada pelo poeta por ser a figura maternal que deu origem ao nascimento do Império, proporcionado pelos feitos históricos daqueles que criou (v.7). Assim, o futuro glorioso dos portugueses foi concedido pelos nossos heróis, entre eles os que cresceram na sabedoria maternal de D. Filipa de Lencastre, considerada, então, “Madrinha de Portugal!” (v.8). Recursos expressivos importantes: metonímia e apóstrofe.

III – As Quinas

Primeira: D. DUARTE, REI DE PORTUGAL

Meu dever fez-me, como Deus ao mundo. **a**

A regra de ser Rei almou meu ser, **b**

Em dia e letra escrupuloso e fundo. **a**

Firme em minha tristeza, tal vivi. **c**

Cumpri contra o Destino o meu dever. **b**

Inutilmente? Não, porque o cumpri. **c**

D. Duarte tinha como vocação a escrita, mas teve de a contrariar e assumir o seu cargo de rei, tendo um reinado curto e tortuoso.

Análise formal: 2 tercetas com versos decassilábicos.

1ª estrofe: D. Duarte foi feito rei, pois era o seu dever, assim como o dever de Deus era criar o mundo. No fundo, ser rei deu um sentido à sua vida depois das desgraças que o assolaram “ser Rei almou meu ser” (v.2).

Era sereno (“Em dia (...) escrupuloso”), mesmo não podendo dedicar-se completamente à escrita, sendo que esta demonstrava a profundidade do seu carácter (“letra (...) fundo”).

2ª estrofe: viveu triste, cumprindo o seu dever como rei, mesmo que o seu “Destino” fosse outro. Apesar do seu sofrimento, ele reconhece que não foi em vão, pois era algo que tinha de ser feito e ele cumpriu a sua missão.

Segunda: D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL

Deu-me Deus o seu gládio porque eu faça **a**

A sua santa guerra. **b**

Sagrou-me seu em honra e em desgraça, **a**

Às horas em que um frio vento passa **a**

Por sobre a fria terra. **b**

Pôs-me as mãos sobre os ombros e doiou-me **c**

A fronte com o olhar; **d**

E esta febre de Além, que me consome, **c**

E este querer grandeza são seu nome **c**

Dentro em mim a vibrar. **d**

E eu vou, e a luz do gládio erguido dá

Em minha face calma.

Cheio de Deus, não temo o que virá,

Pois, venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha alma.

D. Fernando, o “Infante Santo”, foi também membro da Ínclita Geração. Foi capturado pelos militares muçulmanos em Tânger, sendo torturado e tendo acabado por morrer ali pelo seu país, uma vez que o acordo que os árabes queriam fazer era trocar a cidade de Ceuta pelo rei D.Fernando, o que este recusou.

Análise formal: 3 quintilhas. O primeiro, terceiro e quarto versos são decassilábicos. O segundo e o quinto são hexassilábicos. Isto denota o chamado ritmo heróico.

Rima interpolada e emparelhada. Esquema rimático: abaab

1ª estrofe: Deus deu a D. Fernando o gládio (espada), que simboliza o destino, exactamente para que ele o cumpra. Foi consagrado a Deus como mártir pelas suas acções, mas acabou por cair em desgraça quando foi feito prisioneiro (v.3) – paradoxo. Tudo isto aconteceu às horas mais frias, de sofrimento, enquanto prisioneiro na terra “fria”, sem piedade.

2ª estrofe: D. Fernando foi armado cavaleiro por Deus (“doirou-me”), para propagar a fé cristã, tal como, na tradição medieval, o jovem aspirante era armado cavaleiro com um toque de espada no seu ombro. Assim, Deus deu-lhe força, encorajando-o (v.7). A “febre de Além” representa a vontade deste rei em cumprir a vontade de Deus, suportando o sofrimento, pois tinha dentro de si algo que o alimentava.

3ª estrofe: Ele persiste em cumprir a missão, sentindo sempre o apoio de Deus. Deste modo, “venha o que vier” (v.14), nada será maior que a sua alma, ou seja, nada será grande o suficiente para deter a sua fé e ambição, que serão sempre maiores que o seu destino.

Terceira: D. PEDRO, REGENTE DE PORTUGAL

Claro em pensar, e claro no sentir, **a**
É claro no querer; **b**
Indiferente ao que há em conseguir **a**
Que seja só obter; **b**
Dúplice dono, sem me dividir, **a**
De dever e de ser — **b**

Não me podia a Sorte dar guardar
Por não ser eu dos seus.
Assim vivi, assim morri, a vida,
Calmo sob mudos céus,
Fiel à palavra dada e à ideia tida.
Tudo mais é com Deus!

D. Pedro é mais um membro da “Ínclita geração”, depois de D.Duarte e D.Fernando, tendo sido regente de Portugal entre 1439 e 1448. Após esse período, é assistido por intrigas e

invejas, acabando por ser traído por D.Afonso V, morrendo numa batalha contra o jovem rei por não querer ser preso nem desterrado. Novamente, estamos perante uma figura apaixonada pela cultura tal como D.Dinis e D.Duarte.

Análise formal: 2 sextilhas com versos decassilábicos e hexassilábicos, alternadamente. Rima cruzada em esquema ababab.

1ª estrofe: D. Pedro é descrito como alguém que pensava e sentia com clareza (v.1), acabando, em consequência, por saber bem aquilo que queria (v.2), tendo ordenado coisas de grande importância para Portugal, na verdade. Não pensava só em si mesmo, nem naquilo que poderia obter em seu próprio proveito (vv. 3 e 4), vendo para além dos ganhos imediatos, planeando o futuro em vez de pensar só no dinheiro momentâneo. Tem em si duas dimensões (v.5): é íntegro na medida em que cumpre o seu dever e também no próprio “eu”, ou seja, nos seus atos (v.6).

2ª estrofe: Não teve sorte, pois também não era um daqueles que a procurava (vv.7 e 8). Deste modo, resignou-se perante a sua vida, certo das suas acções, independentemente daqueles que contra si conspiravam (vv. 9 e 10). Foi fiel à sua palavra e às suas convicções (v.11), tendo sido Deus encarregue de tudo o resto, provavelmente tanto do mal que lhe sucedeu como de perdurar a sua memória como mártir (v.12).

Quarta: D. JOÃO, INFANTE DE PORTUGAL

Não fui alguém. Minha alma estava estreita **a**
Entre tão grandes almas minhas pares, **b**
Inutilmente eleita, **a**
Virgematicamente parada; **c**

Porque é do português, pai de amplos mares, **b**
Querer, poder só isto: **d**
O inteiro mar, ou a orla vã desfeita — **a**
O todo, ou o seu nada. **c**

D. João foi mais um membro da “Ínclita Geração”. É também considerado mártir, pois não teve aquilo que queria (ser rei), mas mesmo assim desempenhou o seu papel o melhor que conseguia.

Análise formal: (Nota: verso 6 é um verso branco ou solto.)

1ª estrofe: D. João, embora tenha sido Condestável, não chegou a ser rei, nem regente, pois o seu destino estava traçado assim (“Minha alma estava estreita”), devido aos caminhos grandiosos dos seus irmãos, as “tão grandes almas minhas pares”. Perante isto, ele sentia-se inútil, visto que não podia dar tudo o que tinha para dar ao seu país (vv. 3 e 4).

2ª estrofe: o Português, sendo “pai de amplos mares” – projecção do futuro dos portugueses nos Descobrimentos -, é homem de extremos, ou quer o tudo, ou quer o nada. Assim, D. João prefere ter o seu “nada” que ainda vale alguma coisa, já que não pode ter o seu “tudo”: ser rei.

Quinta: SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL

Louco, sim, louco, porque quis grandeza **a**
Qual a Sorte a não dá. **b**
Não coube em mim minha certeza; **a**
Por isso onde o areal está **b**
Ficou meu ser que houve, não o que há. **b**

Minha loucura, outros que me a tomem **c**
Com o que nela ia. **d**
Sem a loucura que é o homem **c**
Mais que a besta sadia, **d**
Cadáver adiado que procria? **d**

Com a morte de **D. Sebastião**, morre também a dinastia de Avis, da “Ínclita geração”. Este rei tornou-se num mito absoluto (mito sebastianista) após a batalha de Alcácer-Quibir.

D. Sebastião é apresentado como a última das Quinas como forma de valorização do seu sacrifício, mas também com o sentido de enfatizar a sua faceta de messias, responsável pela salvação.

Análise formal: Rima cruzada e emparelhada.

1^a estrofe: D. Sebastião assume-se como louco (dito na estrofe em 1^a pessoa do singular), porque ambicionava ir mais longe, queria a grandeza que não se obtém por meio da sorte, mas sim pelo esforço e dedicação. Essa ambição era maior do que ele, tendo, por ela, sucumbido no “areal” (África), ficando lá apenas o seu corpo, não a sua memória (“Ficou meu ser que houve, não o que há”).

2^a estrofe: Ele pede a outros que tomem a sua loucura, ou seja, que concretizem os seus sonhos até ao fim (vv. 6 e 7). Por meio de uma interrogação retórica, o sujeito poético questiona o que é o homem sem a sua loucura, sem o desejo por algo maior (sonho), para além de uma “besta sadia”, ou seja, de um animal saudável, que apenas cumpre o ciclo da vida de nascer, procriar e esperar pela morte certa (vv. 8 – 10). Assim, o sujeito da enunciação toma um tom exortativo para provocar uma reflexão no leitor relativamente ao tema em questão.

D. Sebastião desempenha, então, um papel messiânico.

Intertextualidade com *Os Lusíadas*:

É a D. Sebastião que Camões dedica Os Lusíadas e é a este rei que o poeta dirige o apelo, no sentido de continuar a tradição dos antigos heróis portugueses, para fazer ressurgir a Pátria da “apagada e vil tristeza” do presente – Dedicatória. Na Mensagem, D. Sebastião (o Sebastianismo) é o mito organizador e articulador da obra, no sentido de que ele representa, precisamente, o sonho que ressurgirá do nevoeiro em que o Portugal do presente está mergulhado, impulsionando a construção do futuro, a utopia (que é a força criadora de novos mundos, quer a nível individual, quer a nível coletivo).

IV - A Coroa

NUN'ÁLVARES PEREIRA

Que auréola te cerca? **a**
É a espada que, volteando, **b**
Faz que o ar alto perca **a**
Seu azul negro e brando. **b**

Mas que espada é que, erguida,
Faz esse halo no céu?
É Excalibur, a ungida,
Que o Rei Artur te deu.

Esperança consumada,
S. Portugal em ser,
Ergue a luz da tua espada
Para a estrada se ver!

Fernando Pessoa “dá a coroa” a **Nuno Álvares Pereira**, por uma razão de orgulho e não por ser rei ou príncipe, pois não o era, distinguindo assim os seus feitos. O “Santo Condestável” foi um general do séc. XV, que protegeu a eleição de D. João I e que derrotou os castelhanos na batalha de Atoleiros e de Aljubarrota. Depois da morte da sua esposa, abraça os votos religiosos.

Análise formal: 3 quadras com versos heptassilábicos. Rima cruzada.

1ª estrofe: A “auréola, que cerca” esta personagem, tem dois sentidos: é uma auréola de santidade, pois Nuno A.P. acaba por se tornar homem do convento, e auréola de combate (“É a espada que, volteando”), ou seja, a santidade que alcançou fê-lo por meio dos seus atos guerreiros, sendo a sua espada que deseja o círculo por cima da sua cabeça (auréola). A espada rompe o negro do céu em altitude (“ Faz que o ar alto perca/ Seu azul negro e brando”).

2ª estrofe: A espada que fez o desenho do halo (auréola) no céu é a Excalibur, a espada do Rei Artur. Esta é a espada que legitima Artur como rei da Grã-Bretanha, quando ele a retira da pedra. Assim, note-se que Fernando Pessoa dá a coroa e a Excalibur ao Condestável, dizendo que ele era cavaleiro por dedicação, mas rei por direito. Para além disso, é também importante que a espada tenha sido usada pelo cavaleiro cuja irmandade – os cavaleiros da Távola Redonda – protegia o Santo Graal, objeto ligado aos Templários e que simboliza o conhecimento e união com Deus.

3ª estrofe: “S. Portugal em ser” (santo em carne e osso, que incorpora tudo o que há de bom em Portugal), apóstrofe – invocação a Nuno A. P., pedindo-lhe que erga a sua espada, mostrando o caminho e dando inspiração aos portugueses. Mais uma vez, podemos constatar a existência de uma previsão de algum acontecimento futuro, para o qual será necessário que o povo lute e se desafie, não se deixando vencer pelos obstáculos.

V - O Timbre

A Cabeça do Grifo: O INFANTE D. HENRIQUE

Em seu trono entre o brilho das esferas,
Com seu manto de noite e solidão,
Tem aos pés o mar novo e as mortas eras —
O único imperador que tem, deveras,
O globo mundo em sua mão.

O Infante D. Henrique é colocado como a cabeça do grifo, representando a visão de águia, precisa e capaz de ver a grande distância. “O Navegador”, um dos eleitos da “Ínclita geração”, foi um extremamente importante impulsionador dos Descobrimentos.

Análise formal: 1 quintilha cujos primeiros quatro versos são decassilábicos, sendo o último octossilábico. Rima interpolada e emparelhada em esquema abaab.

Estrofe única: O Infante encontra-se sentado no seu “trono”, metáfora que remete para o seu conhecimento e autoridade; já “o brilho das esferas” remete para a cosmografia, uma das ciências às quais se dedicou. O “manto de noite e solidão” simboliza a sua missão solitária e o seu espírito resoluto. A “noite” representa também o desconhecido (terras e mares). Aos seus pés tem o “mar novo”, aquele que ele pretende que os portugueses vão desbravando, bem como as “mortas eras” (idade das trevas sucumbe ao novo conhecimento científico do Renascimento). É referido como “único imperador”, pois simbolicamente possui todo o novo conhecimento sobre o “globo mundo”.

Uma Asa do Grifo: D. JOÃO, O SEGUNDO

Braços cruzados, fita além do mar. **a**
Parece em promontório uma alta serra — **b**
O limite da terra a dominar **a**
O mar que possa haver além da terra. **b**

Seu formidável vulto solitário
Enche de estar presente o mar e o céu.
E parece temer o mundo vário
Que ele abra os braços e lhe rasgue o véu.

D. João II representa uma das asas do grifo, pois vai pôr em prática as ideias do Infante D. Henrique, permitindo a realização dos seus planos. Embora não seja consensual entre os historiadores, é frequente atribuir-se o plano para passar o Cabo da Boa Esperança a D. João II.

Análise formal: Quadras com versos decassilábicos. Rima cruzada.

1ª estrofe: é um homem de vontade que planeia aventuras além do mar já conquistado (v. 1). É comparado a um “promontório”, que, sendo alto, desafia o mar, que é terra e ao mesmo tempo quase mar. Esse promontório é um limite entre a terra já dominada e o mar que há para conquistar.

2ª estrofe: é enfatizado o seu “vulto solitário”, ou seja, D. João II foi um herói solitário, que pouco se preocupava com os seus próprios interesses, colocando os de Portugal sempre à frente de tudo. A sua vontade de ocupar esses territórios “enche de estar presente o mar e o céu”, o que “parece temer o mundo vário/ Que ele abra os braços e lhe rasgue o véu”, ou seja, é como se o mundo inteiro temesse as futuras conquistas deste rei, podendo ele acabar com os mistérios do mundo, desconhecidos ainda pelos homens.

A Outra Asa do Grifo: AFONSO DE ALBUQUERQUE

De pé, sobre os países conquistados **a**
Desce os olhos cansados **a**
De ver o mundo e a injustiça e a sorte. **b**
Não pensa em vida ou morte, **b**
Tão poderoso que não quer o quanto **c**
Pode, que o querer tanto **c**
Calcara mais do que o submisso mundo
Sob o seu passo fundo.
Três impérios do chão lhe a Sorte apanha.
Criou-os como quem desdenha.

Militar e diplomata, **Afonso de Albuquerque** foi a grande base sobre a qual se construiu o Império Português no Oriente. Foi nomeado governador da Índia por D. Manuel I e teve uma visão larga e ambiciosa, tendo conseguido controlar a navegação no Mar Vermelho e as trocas comerciais no subcontinente. Assim, representa a outra asa que concretizou alguns dos sonhos do Infante – força.

Análise formal: Versos decassilábicos e hexassilábicos emparelhados.

Estrofe única: Afonso de Albuquerque estava cansado de ver o mundo com as suas injustiças e a sua sorte (Destino) – Pessoa não se foca só no herói, mostrando-nos também a pessoa que havia nesta figura. Ele já não deseja mais nada (“Tão poderoso que não quere o quanto”). O seu desejo de glória trouxe-lhe mais do que a posse, trouxe também as invejas da corte, o azar, etc. Ainda assim, ele deve ser recordado como quem criou os “três impérios do chão” (Goa, Malaca e Ormuz). Há quem interprete que os impérios a que Pessoa se referia igualmente eram o material (da conquista), o espiritual (missionários cristãos na Índia) e o cultural (projecto de Afonso de Albuquerque para a integração racial).

Assim, podemos concluir que, segundo Pessoa, o império do Oriente se fundou num tríplice conjunto de forças complementares: visão, vontade e força – correspondentes a cada uma das três personagens desta parte da *Mensagem*.

Segunda Parte - Mar Português

Esta parte corresponde à glorificação das grandes descobertas marítimas portuguesas. Entre a época do Infante e a de D. Sebastião, Portugal assume-se como a cabeça da Cristandade ocidental, percorrendo mares desconhecidos e revelando mundos ignorados, aos quais vai fazer chegar a mensagem cristã.

Descreve-se, primeiro, a epifania oceânica do novo povo eleito, depois a sua perdição na noite e na tormenta e, finalmente, a sua prece a Deus para o ressurgimento ou a reconquista da Distância, símbolo de distância geográfica para a Ásia e as Américas, mas também símbolo da distância para o mistério do absoluto ou do divino.

I - O INFANTE

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.

Deus quis que a terra fosse toda uma,

Que o mar unisse, já não separasse.

Sagrou-te, e foste desvendando a espuma.

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,

E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.

Do mar e nós em ti nos deu sinal.

Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.

Senhor, falta cumprir-se Portugal!

Análise Formal: 3 quadras. Versos decassilábicos. Rima cruzada.

Primeira parte (primeiro verso): O sujeito poético introduz o poema com uma afirmação com valor de verdade universal, usado no presente do indicativo, com um caráter genérico e atemporal. Segundo uma ordem lógica de causa-efeito, inverso apresenta os instrumentos essenciais ao nascimento da obra. A ação ("obra") provém do sonho do homem, que se inicia pela vontade de Deus.

Segunda parte (estrofes 1 e 2):

1- É apresentada a vontade de Deus como a terra unida pelo mar, sugerindo o Infante de Sagres para realizar este projeto divino através do verbo "sagrou-te".

2- Refere-se ao homem (no caso, o Infante D. Henrique) e ao sonho. Este herói navegante escolhido por Deus, na tentativa de realizar a missão divina, procura o caminho da imortalidade (a mitificação do herói), "desvendando a espuma", ou seja, realizando a obra. Nota-se nas expressões "orla branca" e "clareou", que remetem para a revelação da luz no mistério.

3- Revelação da obra, algo repentino e realizado pelo herói português quando desvendou o desconhecido.

Terceira parte (estrofe 3): A glória do Infante é transposta para o povo. Percebemos que é o povo português o eleito por Deus, pela sua vontade divina, para realizar o sonho. No verso 11, verifica-se a realização do sonho — “Cumpriu-se o mar” — que se desfez — “e o Império se desfez”. Esquematicamente, abre-se um lugar para um novo sonho, uma nova vontade divina e depois do desânimo, fazendo com que o poeta se dirija a Deus dada a tensão nele suscitada (mudança do deílico pessoal), exclamando, com uso de vocativo: “Senhor, falta cumprir-se Portugal!” Este apelo a Deus, que acentua o carácter misterioso do poema, decorre em seguimento do nascimento de um novo sonho, imposto pelo esquema cíclico alternado entre a glória e a desgraça.

II - HORIZONTE

Ó mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos.
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mistério,
Abria em flor o Longe, e o Sul sidério
Esplendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longínqua costa —
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta
Em árvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:
E, no desembarcar, há aves, flores,
Onde era só, de longe a abstracta linha.

O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esperança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —
Os beijos merecidos da Verdade.

Análise Formal: 3 sextilhas.

Este poema retrata a descoberta dos mares e terras longínquas e desconhecidas, e com a vontade de um povo ir cada vez mais longe.

1ª Estrofe: viagem pelo mar desconhecido e descoberta do “longe”.

2ª Estrofe: visão edénica de um mundo novo até então desconhecido.

3ª Estrofe: interpretação simbólica do Horizonte, dimensão não-infinita, promover a valorização do sonho e procura da Verdade, superando o medo.

III - PADRÃO

O esforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para diante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão sinala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.

E ao imenso e possível oceano
Ensoram estas Quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é português.

E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma
E faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.

Análise Formal: 4 quadras. Rima cruzada.

Diogo Cão reconhece a sua intervenção no projeto de raiz divina de demanda constante do desconhecido.

- Conquistou a distância, ultrapassou-se a si mesmo e reconhece a sua pequenez.
- Herói que soube interpretar a vontade divina, deixando um **padrão** - símbolo de que o mar sem fim é português e que Deus possibilita a descoberta.

IV - O MOSTRENGO

O mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voo três vezes a chiar,
E disse: «Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?»
E o homem do leme disse, tremendo:
«El-Rei D. João Segundo!»

«De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?»
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso,
«Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?»

E o homem do leme tremeu, e disse:
«El-Rei D. João Segundo!»

Três vezes do leme as mãos ergueu,
Três vezes ao leme as reprende,
E disse no fim de tremer três vezes:
«Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo;
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!»

Análise Formal: 3 estrofes de nove versos. Rima irregular. Poema de teor narrativo.

Mostrengo - caráter pejorativo: símbolo dos obstáculos que os portugueses tiveram de enfrentar para tornar o mar “português”.

“homem de leme” - conduz o navio. Apesar de tremer, à medida que avança, vai ganhando coragem.

Este poema simboliza a interminável e difícil tarefa da conquista do mar, o poeta narra o encontro – aquando da primeira passagem do cabo das Tormentas em 1488 – entre a figura horrenda do Mostrengo e o homem do leme, representante de todos os protagonistas da aventura marítima, os navegadores portugueses.

Numa relação clara de inferioridade física com o monstro marinho, o homem do leme não se deixa intimidar, e lança-lhe o seu desafio: dar cumprimento à vontade inflexível de D. João II.

Ao dominar o Mostrengo, o homem do leme protagoniza a vitória dos navegadores portugueses sobre todos os obstáculos que o mar oferecia: os medos e os inúmeros perigos.

Poema cuja extensão parece querer simbolizar o longo e difícil processo de conquista do mar:

- O caráter narrativo do poema;
- O diálogo a três vozes: sujeito poético, Mostrengo e homem do leme;
- A simbologia do Mostrengo: todos os perigos, medos e obstáculos;
- A dimensão simbólica do homem do leme: anônimo que dá voz ao sentir e à ousadia de um povo;
- Poema eco da tradição lendária: o desafio do homem face aos limites da sua condição humana;
- A insistência no número três e sua simbologia.

O Mostrengo:

- Revela atitudes intimidatórias, ameaçadoras, amedrontadoras;
- É informe (não tem uma forma concreta);
- Está carregado de conotação negativa;
- É pouco definido, pouco descrito (não tem identidade);
- Simboliza os perigos do mar, os obstáculos, as adversidades e os medos.

Intertextualidade - O Adamastor:

Entre o Mostrengo de *Mensagem* e o Adamastor de *Os Lusíadas* há a considerar o facto, muito significativo, de ambos se situarem no centro das respetivas obras, funcionando como eixos estruturantes.

O Mostrengo e o Adamastor surgem como símbolo dos perigos e das dificuldades que se apresentam ao ser humano que quer conhecer novos mundos. São não só o símbolo dos problemas a enfrentar quando se pretende explorar o desconhecido, mas também quando o homem deseja descer ao interior de si próprio.

Camões procura, fundamentalmente, demonstrar que muitos dos “gigantes”, ou dificuldades, advêm da falta de conhecimento e do medo de correr riscos. O homem tem de se superar para ultrapassar os problemas com que se depara. Vencendo-se, vence os seus medos e pode descobrir o que lhe estava oculto.

A figura do Mostrengo mantém toda a simbologia do fantástico que se contava e que amedrontava mesmo os mais corajosos. O poema pessoano simboliza as dificuldades sentidas pelos portugueses na conquista do mar, contrapondo o medo com a coragem do marinheiro português perante aquele ser “ímundo e grosso”, vencendo os seus medos.

V - EPITÁFIO DE BARTOLOMEU DIAS

Jaz aqui, na pequena praia extrema,
O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro,
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!
Atlas, mostra alto o mundo no seu ombro.

Bartolomeu Dias foi um navegador português do século XV, instruído nas áreas da astronomia e da matemática, tendo, por isso, sido escolhido pelo rei D. João II para liderar a travessia do Cabo das Tormentas. Assim, ficou célebre por ter sido o primeiro europeu, que se saiba, a dobrar este cabo, com vista a descobrir o caminho marítimo para a Índia. Faleceu em 1500 numa expedição com destino à Índia, cuja rota ele outrora tinha, em parte, descoberto.

Primeiramente, deve entender-se que este poema é um breve elogio fúnebre (“Epitáfio”) ao navegador Bartolomeu Dias, daí a sua extensão bastante reduzida. O poema é constituído por uma única quadra cujos versos são decassilábicos e a rima é cruzada.

O sujeito poético inicia o poema com uma flexão verbal do verbo jazer (“Jaz”), em prol do título, remetendo-nos para a morte de alguém, neste caso do “Capitão do Fim”(v.2), ou seja, daquele que foi capaz de ultrapassar por via marítima o local que se achava que seria o fim do mundo, pois não se conhecia nada para além dele – tendo sido Bartolomeu Dias esse “Capitão”. Assim, o sujeito da enunciação refere que esta figura está sepultada na “pequena praia extrema”, ou seja, em África, cerca do Cabo Bojador, onde terá naufragado em 1500.

Depois de “dobrado o Assombro”, ou seja, depois de Bartolomeu Dias ter dobrado o cabo pela primeira vez, o mar era o mesmo (v.3) com desilusão de muitos. Desta forma, já não havia o que temer (v.3), pois o fim do mundo não passava de uma ilusão provocada pelo medo.

Para concluir esta homenagem, o sujeito poético evoca Atlas (v.4), de modo a provar que ali não era realmente o fim do mundo. Atlas é uma figura mitológica que foi condenada por Zeus, o mais importante dos deuses gregos, a carregar para sempre os céus nos seus ombros. Atlas é, geralmente, retratado a segurar o globo terrestre nos ombros, logo, ao evocar (apóstrofe) esta figura, o sujeito

poético consegue mostrar, por meio do globo que Atlas carrega, que ali claramente não era o fim do mundo como se pensava anteriormente.

VI - OS COLOMBOS

Outros haverão de ter A
O que houvermos de perder. A
Outros poderão achar B
O que, no nosso encontrar, B
Foi achado, ou não achado, C
Segundo o destino dado. C

Mas o que a eles não toca
É a Magia que evoca
O Longe e faz dele história.
E por isso a sua glória
É justa auréola dada
Por uma luz emprestada.

Cristovão Colombo - descobridor da América ao serviço dos reis de Espanha. Antes de oferecer os seus serviços a Espanha, foi à corte de D. João II com os seus planos. O seu irmão era cartógrafo em Lisboa e eles tiveram muitas vezes em Portugal, navegar em nãos nossas, conhecia bem as novidades da época, as rotas e os mapas. Mas os conselheiros do rei recusaram-no com razão, porque os meus cálculos estavam errados: era impossível ainda estar a poucos dias de navegação para Oeste da Europa. Colombo foge para Espanha e fala com a Rainha Isabel. Espanha anseia por conquistas marinhas. Só anos mais tarde é que ele conseguirá a sua frota. Colombo, sem o saber, descobre a América, pensando ter chegado à Índia (chama aos habitantes índios). No regresso, pôrás nos Açores e depois de uma grande tempestade, aporta em Lisboa, onde é recebido com honras com Dom João II.

Análise Formal: 2 sextilhas; versos em redondilha maior (7 sílabas métricas).

- Rima emparelhada: O uso de rima pobre acentua os feitos menores dos navegadores que não eram Portugueses.
- Metonímia (Colombo → potências estrangeiras); ironia.

1ª Estrofe: O episódio de Colombo marcou a época de ouro de Portugal, que podia ter sido mais dourada se tivessem a loucura de apoiar aquele navegador (como fez Espanha). O poeta, em vez de criticar a falta de loucura, constrói uma ironia à volta do tema.

Versos 1 e 2: Portugal não podia conquistar tudo, algumas coisas ficariam para os outros (América).

Versos 3, 4, 5: alguns historiadores especulam que secretamente Portugal enviava missões de reconhecimento não me divulgadas (Brasil) OU referência irônica ao facto de Colombo ter aproveitado de informação privilegiada quanto a rotas e mapas de origem portuguesa para a sua missão à América.

2ª Estrofe: Comparação entre o “Colombos” (outros povos navegantes) e portugueses. Versos com raiva, ódio. O sujeito poético faz questão de indicar que quem rouba a luz original, verdadeira, tem sempre uma “justa auréola dada / por uma luz emprestada”. É essa a consequência de querer enganar o destino, uma luz falsa, emprestada Glória que não se confunde com a real.

Intertextualidade com OS LUSÍADAS: Canto VII

VII - OCIDENTE

Com duas mãos — o Acto e o Destino —
Desvendámos. No mesmo gesto, ao céu
Uma ergue o facho trémulo e divino
E a outra afasta o véu.

Fosse a hora que haver ou a que havia
A mão que ao Ocidente o véu rasgou,
Foi alma a Ciência e corpo a Ousadia
Da mão que desvendou.

Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal
A mão que ergueu o facho que luziu,
Foi Deus a alma e o corpo Portugal
Da mão que o conduziu.

Ocidente - A descoberta do Brasil como resultado da ação humana e do divino, as duas mãos que permitiram “desvendar”, retirar o véu.

Análise Formal: 3 quartetos; primeiros 3 versos de cada estrofe são decassilábicos, e último hexassilábico. Rima cruzada. Metonímia (Ocidente - Brasil).

1ª Estrofe: Metáfora humana: imagem de um corpo com duas mãos que desvenda a escuridão:

- ATO: mão que afasta o véu do escuro - obstáculo do desconhecido;
- DESTINO: mão que ergue alto o facho de luz - luz do conhecimento.

(possível inspiração em Minerva, deusa da sabedoria com uma lança na mão direita e um facho aceso na esquerda)

O poeta começa por falar no ato, porque o homem pensa que a ação é tudo (segunda estrofe) e só depois reconhece que é o destino que o comanda (terceira estrofe). Ambas As estrofes começam com “Fosse”, o que aponta para a dúplice natureza da descoberta do Brasil, que não se sabe ao certo ter sido deliberada ou por acaso.

2ª Estrofe - Ato: Fosse intencional ou por acaso, a descoberta só foi possível com a ciência dos navegadores, E a ousadia dos mesmos.

3ª Estrofe - Destino: Fosse intencional ou por acaso, a chegada ao Brasil foi traçada pelo destino. A força divina de missão (“alma”) acompanhava-os, mesmo que eles (“corpo”) não o soubessem. Deus conduziu o Destino deles, enquanto eles O ignoravam.

VIII - FERNÃO DE MAGALHÃES

No vale clareia uma fogueira.
Uma dança sacode a terra inteira.
E sombras disformes e descompostas
Em clarões negros do vale vão
Subitamente pelas encostas,
Indo perder-se na escuridão.

De quem é a dança que a noite aterra?
São os Titãs, os filhos da Terra,
Que dançam da morte do marinheiro
Que quis cingir o materno vulto —
Cingi-lo, dos homens, o primeiro —,
Na praia ao longe por fim sepulto.

Dançam, nem sabem que a alma ousada
Do morto ainda comanda a armada,
Pulso sem corpo ao leme a guiar
As naus no resto do fim do espaço:
Que até ausente soube cercar
A terra inteira com seu abraço.

Violou a Terra. Mas eles não
O sabem, e dançam na solidão;
E sombras disformes e descompostas,
Indo perder-se nos horizontes,
Galgam do vale pelas encostas
Dos mudos montes.

Análise Formal: 4 sextilhas; versos de 4, 8, 9 e 10 sílabas. Rima emparelhada e cruzada: aabcbc.

Fernão de Magalhães - depois de Colombo, Fernão de Magalhães ofereceu novamente aos Reis de Espanha o acesso a oriente navegando para oeste. Carlos V aceitou o desafio. Magalhães serviu muitos anos a servir a coroa portuguesa, mas sem grandes feitos históricos, só sonhos. Agora, é conhecido pela sua expedição pela primeira vez navegando pelo globo terrestre.

O poeta fala sobre a obra de Magalhães e a sua viagem à volta da Terra, não o vendo como herói dos Descobrimentos, uma vez que este estava ao serviço da coroa espanhola. Ao contrário do que possamos pensar, Magalhães não é visto como um traidor, como eram os Colombos.

1ª Estrofe: O poeta prepara o ambiente do poema, fazendo-nos imaginar uma cena escura. Assim, tenta uma aproximação alternativa ao tema, compreendendo-se desde logo a sua intenção de conseguir tornar o leitor ciente da importância, não do indivíduo, mas do seu destino na História. As “danças” tratam-se de uma comemoração (estranya) feita às escuras por seres “estranhos e escuros”.

2ª Estrofe: a identidade das “sombras que dançam” é revelada - são Titãs (eram gigantes, filhos de Urano - o céu - e Gaia - a Terra). Estes comemoram a morte de Magalhães, porque este quis abraçar tudo o perímetro do planeta (Gaia) na sua viagem. Quis ser “dos homens, o primeiro”, mas está “na praia ao longe por fim sepulto”, já não sendo mais uma ameaça para os Titãs.

3ª Estrofe: No entanto, o poeta revela-nos um Magalhães ainda vivo, vivo na memória. Os titãs jogaram-se vencedores enquanto celebravam a sua morte. No entanto, Magalhães não desapareceu, tendo sido reencarnado em força. Não é morto, mas uma alma sem corpo que ainda comanda a armada em espírito. Mesmo ausente, a viagem era a sua e o objetivo foi atingido por sua ação direta.

4ª Estrofe: O poema acaba com a conclusão da viagem, iniciada com o Magalhães em vida, mas acabada por um outro capitão - Magalhães “violou a Terra” (v. 16), i.e. tornou humano (da terra) o que antes era divino (do céu).

O sujeito poético emprega um tom triste da dança esquisita dos titãs e na vitória esquisita de Magalhães, “violador da terra” (mesmo não sendo um dos Colombos, tornou a sua glória menos intensa e luminosa).

IX - ASCENSÃO DE VASCO DA GAMA

Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra
Suspendem de repente o ódio da sua guerra
E pasmam. Pelo vale onde se ascende aos céus
Surge um silêncio, e vai, da névoa ondeando os véus,
Primeiro um movimento e depois um assombro.
Ladeiam-no, ao durar, os medos, ombro a ombro,
E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões.

Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta
Cai-lhe, e em êxtasevê, à luz de mil trovões,
O céu abrir o abismo à alma do Argonauta.

Vasco da Gama - Grande herói da primeira expedição marítima à Índia (1498). Regressou no ano seguinte a Portugal, recebido com grandes honras pelo seu feito, que deu seguimento ao plano de Dom Manuel I de expansão do Império para Oriente. Herói improvável: o comando da viagem estava destinado ao irmão Paulo da Gama, que ficou doente.

Análise Formal: 1 sétima e 1 terceto; em ditongos; verso alexandrino; hipérbatos, alegorias, orações, metonímia (Gama -> argonauta)

1ª Estrofe: “Ascensão” - é representativo da visão alternativa do poeta perante as figuras da história de Portugal (fala dos momentos após a morte de Gama); É um termo cristão que significa simbolicamente a elevação de Cristo aos seus, depois da morte deste na cruz e sua ressurreição.

Versos 1 e 2: “Os Deuses da tormenta” (usado no sentido pagão, contrário ao Deus cristão) e os “gigantes da Terra” (ver poema anterior - os Titãs) estavam em guerra.

Versos 3 e 4: Eles “pasmam”, pois Gama aparece no meio, como intermédio da Batalha iníqua ele destaca-se como a parte da guerra, iluminado, escolhido, santificado. Entre o vale onde nascem as Oliveiras e o Vale dos Mortes egípcio, surge uma diferença, no momento sem tempo e fora da realidade material, mesquinha da Guerra do mar contra a rocha que tira o véu ao que era escondido.

Versos 5, 6 e 7: Os miúdos ainda ameaça e são fortes opositores à ascensão de Gama, mas o movimento da alma daquele é rápido e devastador, num clarão (luz, conhecimento) que ilumina a escuridão (o desconhecido).

Poucos ascendem aos céus. Além dos portugueses serem um povo escolhido, mesmo entre eles só alguns ascendem, como Vasco da Gama.

2ª Estrofe: O pastor (figura bucólica) representa a “terra”, em oposição aos “céus”. A “terra”, parte diabólica que se opõe ao divino, serviu com espanto a ascensão, que é também a revelação pela luz do que se esconde nas trevas humanas.

No último verso, podemos ver que é paradoxal que o céu seja um abismo. É onde se perde a consciência e o desejo, um fim eterno. Não é um céu cristão ou paraíso, mas um “vórtice divino” em que caem as almas iluminadas e acaba a consciência individual. Entre essas almas está Gama, um dos poucos eleitos pelo destino - de ser Argonauta (i.e. tripulantes míticos da nau Argo, construída pela deusa Atena).

X - MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Análise Formal: 2 sextilhas; rima emparelhada.

1ª Estrofe: O “Mar português” é símbolo do sofrimento por que passaram os navegadores e seus familiares na descoberta marítima. É um mar “salgado” devido às “lágrimas” daqueles que viram partir os filhos, os pais e os noivos à aventura no mar para “que fosses nosso, ó mar!” A estrofe tem um caráter circular (invocação do mar - apóstrofes inicial e final), o que enaltece o sacrifício dos portugueses na conquista marítima.

2ª Estrofe: É iniciada com uma interrogação retórica: “Valeu a pena?”, o que reforça o feito alcançado pelos portugueses (a conquista do mar), que também podemos ver pelo facto do título do poema ser igual ao da parte em que se insere.

Como resposta à questão, o poeta faz um balanço positivo das consequências de todo o sacrifício dos portugueses, afirmindo que “tudo vale a pena se a alma não é pequena”, metáfora que se refere à glória que pode ser proporcionada se se tratar de uma alma humana que deseja o sonhado, o impossível (afirmação universal). Há uma particularização do sentido geral da sua resposta inicial para o caso dos portugueses, que tiveram de superar o medo (simbolicamente, o Bojador) para conhecer o desconhecido e alcançar Glória, ultrapassando primeiro a dor.

Conclui que o perigo e o abismo foram as dificuldades que os navegadores portugueses tiveram de enfrentar, o que recompensou ao ser alcançada a glória e ser realizado um sonho (“céu”).

XI - A ÚLTIMA NAU

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Império,
Foi-se a última nau, ao sol aziago

Erma, e entre choros de ânsia e de pressago
Mistério.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?

Deus guarda o corpo e a forma do futuro,
Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro
E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlântica se exalta
E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço.
Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que torna.

Não sei a hora, mas sei que há a hora,
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mistério.
Surges ao sol em mim, e a névoa finda:
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Império.

A Última Nau - Duplo sentido: pode simbolizar o desaparecimento de Dom Sebastião que levou a perda da independência portuguesa, representando igualmente a queda do Império. O mito do sebastianismo está presente nas várias referências ao rei Dom Sebastião, ao seu desaparecimento e consequente perda da independência, bem como as alusões ao seu regresso, permitindo a salvação de Portugal (versos 1, 4-7, 17-18, 22-23).

Análise Formal: 4 sextilhas; Rima emparelhada e interpolada (aabccb); Uso do gerúndio e do pretérito perfeito na primeira estrofe e do presente na última estrofe; pares ir/trazer e sol aziago/sol.

1ª a 3ª Estrofe: O poema está estruturado como uma viagem de ida e volta. Na primeira estrofe, temos uma referência a última nau que, “ao sol aziago”, se foi, deixando o povo e a nação órfãos da sua independência. Na última estrofe, porém, do meio dessa tristeza surgirá novamente o sol que trará o rei, o qual traz consigo a reconstrução do Império.

3ª Estrofe: O sujeito poético estabelece uma oposição entre a apatia e o desânimo do povo, a quem diz faltar a alma, e a esperança e crença dele no regresso do rei, ou seja, a acreditar que o Império será revitalizado e se configurará como o Quinto Império.

4ª Estrofe: poema ganha uma relevância particular, no verso 19, como uma afirmação convicta do sujeito poético no regresso do rei que se foi ou, por outras palavras, a convicção de que Portugal se constituirá como o Quinto Império.

XII - PRECE

Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós criou,
Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem — ou desgraça ou ânsia —,
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distância —
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

Prece - Início da *noite* da obra. Poema totalmente escurecido, rendido às evidências da história, sem esperança numa realidade que falhou, de uma sorte que se mostrou impiedosa e mortal.

A prece que o poeta dirige ao infinito não é de esperança, mas de consequência. Ele pensa que o Império está perdido e que não poderá ser reconstruído, pelo que pede por uma reencarnação. Se o Império, que morreu, se reencarnar, voltará infinito, divino.

Análise Formal: 3 quadras; versos decassilábicos.

1ª Estrofe: No presente, “a noite veio”, ou seja, só há morte. Nada existe do corpo vivo que era o Império material. “A alma é vil” -> pelos motivos errados se fez a expansão. O poeta resume as conquistas do Império português em África e no Oriente. Com a morte da posse do mar, com o fim do “Mar Português”, o que resta no “silêncio hostil” é “O mar universal e a saudade”. O mar é universal, de todos conhecido, (mas isso é pouco se a alma não é pequena).

2ª Estrofe:

Versos 5 e 6: Na morte, há esperança. Não é por haver vida, a chama que em nós criou, que há esperança. Depois da morte, na verdade, há uma nova vida e nova esperança. A vida é o tudo que é o nada — como o mito. Espera ser reimplantada com novos planos e objetivos.

Versos 7 e 8: A esperança é o resultado de aceitarmos a morte (“o frio morto”). A morte é essencial para a resurreição, para além de que, embora a essência (a chama) nunca se tenha perdido na morte, é ocultada por ela em mistério. No paradoxo depois da morte, tudo é possível, e

é preciso que as cinzas desapareçam, que a noite seja revelada, para a chama de novo aparecer guiada pela “mão do vento” - Deus.

3ª Estrofe: Depois de referir o motivo da prece, o sujeito poético pede finalmente ao infinito. O sopro, a força, o movimento é dado por Deus (v. 8) para levantar as cinzas, revelar o mistério e recomeçar novamente, para que é chama-se reacenda no que tem de original e poderoso (regresso da antiga vontade de descobrir).

Versos 11 e 12: Não a distância do horizonte, mas aquela ainda mais misteriosa. O poeta diz que pode ser do mar, apesar de saber que não o pode ser. Já houve a morte e não há lugar para a ambição de o possuir novamente. Agora terá de ser de algo superior, imaterial, na construção de um império - início de um Império Espiritual (Quinto Império).

Terceira Parte - O Encoberto

A constatação de um tempo e de um espaço perdidos, envoltos nas brumas da memória, e o sofrimento do eu poético por ver dormir o seu povo, que tinha perdido a sua identidade e os seus referentes.

É neste momento que o poeta explicita o significado do Quinto Império, recorrendo a uma linguagem que deixa antever esse tempo de prosperidade espiritual, numa estrutura tripartida:

1. **“Os Símbolos”** : Correspondem à própria linguagem da existência; os cinco grandes mitos portugueses;
2. **“Os Avisos”** : As profecias dos três grandes arautos do messianismo português;
3. **“Os Tempos”** : Desvelam-se os sinais que indiciam a proximidade de «O Encoberto».

I – Os Símbolos

Primeiro: D. SEBASTIÃO

Esperai! Caí no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma imersa
Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É O que eu me sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei.

O primeiro símbolo é “**D. Sebastião**” (não “D. Sebastião - Rei de Portugal”). O sujeito poético invoca agora o símbolo mais perto de estar completo, o mito quase puro. Lentamente, do físico passou para a essência do mito. Reforça a visão de D. Sebastião como o mito fundador de um novo Portugal.

Análise Formal: 2 quadras; Rima cruzada. Metáforas.

1ª Estrofe: “Esperai!” pode lembrar os últimos momentos do rei, enquanto cai no areal. A “hora adversa” é a hora da morte, “que Deus concede aos seus”. A morte é vista pelo sujeito poético como um momento transitório, não é portanto um estado permanente, sem retorno, mas uma passagem da vida que conhecemos para outra vida futura.

2ª Estrofe: A crença na imortalidade da alma não dar significado a morte. A alma, a essência, permanece, guardada em Deus. Mas aquilo que permanece é mais do que apenas a figura humana do rei. Dura a essência dos seus atos e da sua coragem — o seu mito. A importância renovadora do mito sebastianista é divinizada e é este que fará o morto (Portugal) regressar.

Mito sebastianista

1. Crença do povo no seu regresso, após a derrota em Alcácer Quibir (D. Sebastião, ente histórico: o «ser que houve», símbolo da decadência), como salvador da pátria: a possibilidade teórica do regresso físico do rei ajudou a criar a auréola de mito.
2. O regresso iminente do Encoberto foi garante de sobrevivência política, seja porque congregou sob o mesmo pendão do sonho a Nação destroçada, seja porque estimulou o instinto de conservação nacional, seja ainda porque foi o lugar do refúgio contra uma morte anunciada.
3. Mito messiânico que se funda na esperança da vinda de um Salvador, que virá salvar e libertar o povo e restaurar o prestígio nacional.

Desejo latente de renovação nacional que promove o regresso de D. Sebastião:

- ❖ Espera inconsequente que acentua o nosso atraso;
- ❖ Procura da revitalização nacional, sob o estandarte de um sonho comum.

É no inconsciente nacional que o mito do Encoberto se guarda, apresentando-se como um motor poderoso do processo histórico, torna-se o sonho pelo qual vale a pena viver.

Segundo: O QUINTO IMPÉRIO

Triste de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
Nada na alma lhe diz
Mais que a lição da raiz —
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem
No tempo que em eras vem.
Ser descontente é ser homem.
Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem!

E assim, passados os quatro
Tempos do ser que sonhou,
A terra será teatro
Do dia claro, que no atro
Da erma noite começou.

Grécia, Roma, Cristandade,

Europa — os quatro se vão
Para onde vai toda idade.
Quem vem viver a verdade
Que morreu D. Sebastião?

Quinto Império

- Império construído na esfera de uma identidade cultural, um império que a vontade e a esperança transformadora hão de por força (re)criar contra a decadência presente, contra a Nação adormecida.
- Império civilizacional, de paz universal, espiritual, tendo como centro Portugal, que pressupõe o regresso de um Messias: o D. Sebastião mítico, coordenada simbólica da sua edificação.
- Representação mental, uma atitude perante a nação e a nossa própria existência: a procura do nosso ser no mundo, como indivíduos e como Povo historicamente predestinado a recuperar o prestígio perdido.

A primeira referência ao "quinto império" terá surgido na Bíblia, a propósito de um sonho do rei da Babilónia. Atualmente, considera-se como quatro impérios o império da Babilónia, o medo-persa, o grego e o romano.

Num plano espiritual, alinhado com o entendimento português deste conceito, os quatro primeiros impérios terão sido: o Grego, o Romano, a Cristandade e a Europa laica. O Quinto Império será um império civilizacional e espiritual, baseado numa identidade cultural e na paz universal.

Uma das interpretações do Quinto Império é a de **Fernando Pessoa**: Segundo este poeta, o Quinto Império é entendido como um "imperialismo andrógino", uma hipótese de transformação e de purificação da Humanidade que conduzirá a uma relação harmoniosa entre o Homem e as coisas, entre o Homem e Deus.

Note-se que a palavra "andrógino" representava, na filosofia grega, um ser simultaneamente masculino e feminino, simbolizando a unidade e a perfeição.

Análise Formal: 5 quintilhas. Versos em redondilha maior (7 sílabas métricas). Rima abaab

Primeira parte (estrofes 1 e 2): O sujeito poético refere-se, lamentando, à apatia e ao conformismo daqueles que não têm um sonho por que lutar, vivendo uma experiência medíocre ("triste ...").

Segunda parte (estrofe 3): O poeta apresenta o desejo de que os homens não se contentem com a mediocridade nem com a ambição desmedida em termos materiais, mas que procurem a concretização da plenitude existencial (vv. 13 a 15).

Terceira parte (estrofes 4 e 5): O poeta anuncia a vinda de um novo império, espiritual, de fraternidade e paz — o Quinto Império —, que surgirá pela mão de Portugal, sucedendo-se aos quatro referidos pelo poeta nos versos 21 e 22.

Interrogação retórica final: apelando à construção do Quinto Império, acentua o carácter de verdade deste novo império, por ser, distintamente dos outros, civilizacional e espiritual. Além disso, esta interrogação reforça igualmente a força criadora do mito — no caso, o mito sebastianista.

Terceiro: O DESEJADO

Onde quer que, entre sombras e dizeres,
Jazas, remoto, sente-te sonhado,
E ergue-te do fundo de não-seres
Para teu novo fado!

Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo,
Mas já no auge da suprema prova,
A alma penitente do teu povo
À Eucaristia Nova.

Mestre da Paz, ergue teu gládio ungido,
Excalibur do Fim, em jeito tal
Que sua Luz ao mundo dividido
Revele o Santo Gral!

D. Sebastião, depois de perder a coroa e o corpo, é já quase um símbolo porque, o mito perfeito.

Mito de Galaaz - cavaleiro nobre, de grande pureza, que conseguiu encontrar o Santo Graal, sendo levado depois para o céu.

Análise Formal: 3 quadras. Rima cruzada.

1ª Estrofe: D. Sebastião é agora apenas uma memória, que anda “entre sombras e dizeres”. Basta que sonhei o mito para ele vir de novo a realidade. O poeta invoca o luto para que traga uma nova vida ao “corpo morto de Portugal”. O novo fado é a nova missão que agora cabe ao miúdo. Houve já o fado, um destino, para a figura humana de D. Sebastião que difere do que espera D. Sebastião como mito.

2ª Estrofe: Continuando a sua exortação, o sujeito poético compara, em nobreza e caráter, o mito sebastianista ao mito de Galaaz. Pede um ato de paz, tal como era a missão suprema de Galaaz (descoberta do Santo Graal), sendo um momento crucial na história, ideal para a renovação, mas pobre intelectual e politicamente. O poeta quer ele quer de novo essa alma, mas não basta o mito existir, ele deve prevalecer.

3ª Estrofe: O mestre da Paz tem o objetivo último de erguer a sua memória e aparecer novamente com o Cavaleiro da fraternidade. O seu “gládio ungido” traz mudança, reforçado pela referência ao “Excabulir do Fim”, símbolo da paz infinita e do último reino. Assim, o mito

sebastianista, o símbolo, traz uma luz de comunhão, de conhecimento e de união a um mundo dividido e sombrio.

Quarto: AS ILHAS AFORTUNADAS

Que voz vem no som das ondas
Que não é a voz do mar?
É a voz de alguém que nos fala,
Mas que, se escutamos, cala,
Por ter havido escutar.

E só se, meio dormindo,
Sem saber de ouvir ouvimos,
Que ela nos diz a esperança
A que, como uma criança
Dormente, a dormir sorrimos.

São ilhas afortunadas,
São terras sem ter lugar,
Onde o Rei mora esperando.
Mas, se vamos despertando,
Cala a voz, e há só o mar.

Análise Formal: 3 quintilhas. Versos em redondilha maior. Rima (abccb)

1ª Estrofe: O poeta inicia o poema com uma ironia relativamente ao regresso do rei, humano, a cavalo. Que voz se ouve sem ser o som das ondas é certamente uma presença, uma voz que fala, mas que não quer ser ouvida. Este mistério não deve ser encarado como realidade comum, o mistério fala por símbolos e revela-se pelo sofrimento.

2ª Estrofe: “Ela” (v.8) é a voz da primeira estrofe que, se na primeira estrofe não era compreendida porque alguém se esforçar para ouvir, agora se revela por já não haver esse esforço, mas sim submissão, sofrimento. É “meio dormindo” que o mistério começa a ser revelado através da intuição de “criança dormente”. Compreendemos, mas sem saber que o fazemos (por isso “a dormir sorrimos”).

3ª Estrofe: O sujeito poético conclui que as ilhas afortunadas, “terras sem ter lugar”, não existem senão nas lendas das almas mais simples. Existe uma voz distante que nos fala de esperança. Essa voz, no entanto, não reside em nenhuma ilha material, e por isso se tentarmos escutá-la, ela cala-se (mistério). É nessas ilhas que mora o rei, e quem espera o seu regresso físico é avisado pelo poeta que D. Sebastião regressará em símbolo, não em carne. Estas ilhas afortunadas apenas existem no sono irreal, no qual a voz é ouvida de outra forma.

Quinto: O ENCOBERTO

Que símbolo fecundo
Vem na aurora ansiosa?
Na Cruz Morta do Mundo
A Vida, que é a Rosa.

Que símbolo divino
Traz o dia já visto?
Na Cruz, que é o Destino,
A Rosa, que é o Cristo.

Que símbolo final
Mostra o sol já desperto?
Na Cruz morta e fatal
A Rosa do Encoberto.

Símbolo - Fecundo, Divino e Final;

Cruz - Morta, Destino, Fatal;

Rosa - Vida, Cristo e o Encoberto.

Análise Formal: 3 quadras. Versos hexassilábicos. Rima cruzada. Anáforas.

1ª Estrofe: O poeta inicia o poema com uma interrogação retórica, questionando o símbolo perfeito para a nova religião, que vai substituir o Cristo na Cruz. Assim, anuncia que a vida morta precisa de um “símbolo fecundo”, uma vez que a vida morta espera a renovação. O “Encoberto” é, para o sujeito poético, a vida como símbolo, nascida da morte.

2ª Estrofe: O símbolo fecundo é também divino, universal, o que reforça a ideia de que o mito é um símbolo divino que traz uma nova verdade, prevista por aqueles que leram os sinais do Destino (a Cruz, o sofrimento). A Rosa simboliza Cristo, que traz a redenção pelo martírio e a verdade, sofrendo o seu Destino na Cruz.

3ª Estrofe: O símbolo, fecundo e universal, é agora final e definitivo, trazendo o Império Espiritual através da revelação do Mistério. Nesta estrofe, a Cruz representa o fim da obra por ser fatal, irreversível, concluída e impossível de desconhecer. Esta contém a Rosa do Encoberto, ou seja, no alvorecer (Rosa) encontra-se o mito regenerador (o Encoberto) no palco da eternidade (a Cruz).

II – Os Avisos

No poema “Ilhas Afortunadas”, o sujeito poético diz-nos, sob a forma de aviso, que o regresso de D. Sebastião não será físico, mas espiritual, em símbolo.

Ao intitular esta parte como “Avisos”, tem um duplo sentido, referindo-se, por um lado, àqueles que foram avisados e que perceberam o regresso espiritual do rei, e, por outro lado, aos que anunciaram o seu regresso.

Primeiro: O BANDARRA

Sonhava, anónimo e disperso,
O Império por Deus mesmo visto,
Confuso como o Universo
E plebeu como Jesus Cristo.

Não foi nem santo nem herói,
Mas Deus sagrou com Seu sinal
Este, cujo coração foi
Não português mas Portugal.

O primeiro anunciar o regresso de Dom Sebastião, mesmo antes de ter nascido, é “**o Bandarra**”: Gonçalo Annes, sapateiro e profeta popular nascido em Trancoso que fez referência numa das suas edições ao “Rei Encoberto”.

Análise Formal: 2 quadras. Versos Octossilábicos. Sinédoque.

1ª Estrofe: O poeta começa por descrever a figura do Bandarra, física e espiritualmente. Ele via no sonho, com poucas certezas concretas daquilo que poderia estar a ver. Era alguém escolhido, mas não pela sua importância social. Este profeta, enquanto sonhava, imaginava um futuro (confuso) ainda por acontecer, sendo tão humilde quanto Aquele que anunciou a Boa Nova - Jesus Cristo.

2ª Estrofe: Bandarra não é conhecido pelos seus feitos de santidade ou de coragem, mas foi escolhido por Deus, sagrado, como um profeta. Toda a sua dedicação era em prol do futuro de Portugal.

Segundo: ANTÓNIO VIEIRA

O céu estrela o azul e tem grandeza.
Este, que teve a fama e a glória tem,
Imperador da língua portuguesa,
Foi-nos um céu também.

No imenso espaço seu de meditar,

Constelado de forma e de visão,
Surge, prenúncio claro do luar,
El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz do etéreo.
É um dia; e, no céu amplo de desejo,
A madrugada irreal do Quinto Império
Doira as margens do Tejo.

Padre António Vieira - nasceu em 1608 em Lisboa, mas parte criança para o Brasil, onde se fará homem, treinador e profeta do Quinto Império. Enquanto que o Bandarra fala com precedência, Vieira fala com evidência. Torna-se um prestigiado jesuíta e autor de sermões, encantando as multidões através da palavra.

Análise Formal: 3 quadras. Rima cruzada.

1ª Estrofe: O Padre António Vieira é considerado um dos maiores escritores portugueses, sendo admirado pelo poeta por ser o “imperador da língua portuguesa” e ter tanta grandeza e glória como o céu.

2ª Estrofe: O sujeito poético considera o meditar de Vieira iluminado e cheio de pensamento ideias claras, onde aparece D. Sebastião.

3ª Estrofe: O luar afinal é “luz do etéreo”, que vem do alto e ilumina com a nova e divina verdade a escuridão humana. A luz que vem do alto é a madrugada, o início do dia que será o Quinto Império. Essa luz adorada, símbolo do conhecimento verdadeiro, a nova realidade: a luz de Deus que “doira as margens do Tejo” e cai sobre os homens.

Terceiro: Escrevo meu livro à beira-mágoa.

Meu coração não tem que ter.
Tenho meus olhos quentes de água.
Só tu, Senhor, me dás viver.

Só te sentir e te pensar
Meus dias vácuos enche e doura.
Mas quando quererás voltar?
Quando é o Rei? Quando é a Hora?

Quando virás a ser o Cristo
De a quem morreu o falso Deus,
E a despertar do mal que existo
A Nova Terra e os Novos Céus?

Quando virás, ó Encoberto,
Sonho das eras português,

Tornar-me mais que o sopro incerto
De um grande anseio que Deus fez?

Ah, quando quererás, voltando,
Fazer minha esperança amor?
Da névoa e da saudade quando?
Quando, meu Sonho e meu Senhor?

Análise Formal: 5 quadras. Versos octossilábicos. Rima cruzada.

1ª Estrofe: Todo o problema será sinônimo de súplica, lamento e desilusão. O primeiro verso pode ser entendido com vários sentidos, podendo indicar que o sujeito poético se dedica à beira-mágoa ou que escreve à beira-mar. Este tenta preencher o vazio que sente no coração, sentindo uma emoção contemplativa.

2ª Estrofe: O poeta revela a sua paixão pela pesquisa oculta em torno do regresso de Dom Sebastião. “Sentir” representa o patriotismo e “pensar” simboliza o raciocínio. Apesar de tanto esforço, o poeta dúvida do momento em que tudo se tornará realidade, perguntando-se de momento da chegada de D. Sebastião e do Império Espiritual.

3ª Estrofe: Insatisfeito, perturbado e dominado pelos seus pensamentos, o sujeito poético continua a questionar-se do regresso do rei, do Encoberto que ocupará o lugar de Cristo nos corações dos portugueses como novo símbolo.

4ª Estrofe: Continua a fazer o seu apelo ao novo Império e à vinda de D. Sebastião, revelando alguns dos seus desejos e sentimentos, como a sua visão diferente dos outros e intuitiva da realidade e mistérios. O poeta sente, assim, uma ambiguidade de não saber ao certo quem é ou o que lhe reserva o Destino, é superior mas isso impede-o de ter uma vida normal.

5ª Estrofe: Conclui, no tom de súplica e humildade com que iniciou o poema, que anseia o novo reino nascido do amor entre os homens. Mas, sendo ele o que suplica, afirma que não é o Senhor dos Novos Tempos. Do seu inconsciente nasce a ideia do novo Império, que depois de nascer no sonho domina a realidade. Assim, é tanto “Sonho” como “Senhor”.

III – Os Tempos

Primeiro: NOITE

A nau de um deles tinha-se perdido
No mar indefinido.
O segundo pediu licença ao Rei
De, na fé e na lei
Da descoberta, ir em procura
Do irmão no mar sem fim e a névoa escura.

Tempo foi. Nem primeiro nem segundo
Volveu do fim profundo
Do mar ignoto à pátria por quem dera
O enigma que fizera.
Então o terceiro a El-Rei rogou
Licença de os buscar, e El-Rei negou.

*

Como a um cativo, o ouvem a passar
Os servos do solar.
E, quando o vêem, vêem a figura
Da febre e da amargura,
Com fixos olhos rasos de ânsia
Fitando a proibida azul distância.

*

Senhor, os dois irmãos do nosso Nome
O Poder e o Renome —
Ambos se foram pelo mar da idade
À tua eternidade;
E com eles de nós se foi
O que faz a alma poder ser de herói.

Queremos ir buscá-los, desta vil
Nossa prisão servil:
É a busca de quem somos, na distância
De nós; e, em febre de ânsia,
A Deus as mãos alçamos.
Mas Deus não dá licença que partamos.

Este poema representa o início da decadência, da pátria em destruição. Tem um teor narrativo, evocando a saga marítima dos irmãos Corte-Real: os dois primeiros perderam-se no mar, o outro tentou ir procurá-los e não pôde.

Os dois perdidos representam a grandeza perdida, o outro é um país perdido à espera de recuperar a glória do passado.

No 1º momento, é o rei que impede o herói de cumprir a sua missão. No final, é Deus.

Segundo: TORMENTA

Que jaz no abismo sob o mar que se ergue?
Nós, Portugal, o poder ser.
Que inquietação do fundo nos soergue?

O desejar poder querer.

Isto, e o mistério de que a noite é o fausto...
Mas súbito, onde o vento ruge,
O relâmpago, farol de Deus, um hausto
Brilha, e o mar escuro estruge.

A “Tormenta” representa o começo da agitação da nova vida, nova realidade.

Análise Formal: 2 quadras. Rima cruzada.

1ª Estrofe: O abismo é o fundo do mar, o infinito, que contraria a realidade finita do homem. O que reside no abismo em “Portugal, o poder ser”. Um dever-ser reside no infinito a espera de ser concretizado devido ao desejo de “poder-querer”, à inquietação que “do fundo nos soergue”.

2ª Estrofe: Não é apenas a inquietação que move o dever-ser na direção da realidade. A noite, o conhecimento, não se contenta em estar na escuridão. No meio da inquietação que se agita, surge o “relâmpago, farol de Deus” - intervenção divina em forma de facho de luz que rompe a noite com a sua Verdade e agita o mar escuro com a corrente da nova Vida.

Terceiro: CALMA

Que costa é que as ondas contam **a**
E se não pode encontrar **b**
Por mais nau que haja no mar? **b**
O que é que as ondas encontram **a**
E nunca se vê surgindo? **c**
Este som de o mar praia **b**
Onde é que está existindo? **c**

Ilha próxima e remota,
Que nos ouvidos persiste,
Para a vista não existe.
Que nau, que armada, que frota
Pode encontrar o caminho
À praia onde o mar insiste,
Se à vista o mar é sozinho?

Haverá rasgões no espaço
Que dêem para outro lado,
E que, um deles encontrado,
Aqui, onde há só sargão,
Surja uma ilha velada,
O país afortunado

Que guarda o Rei desterrado
Em sua vida encantada?

Análise formal: 2 sétimas e 1 oitava. Versos heptassilábicos.

1ª estrofe: não existe uma costa onde aportar, uma costa com portos seguros, depois da tempestade. A costa não existe, mas ouvem-se as ondas a bater contra ela (“Este som de o mar praiar”) – sinal de loucura ou de estar algo divino prestes a acontecer, pois é só um som, sem realidade.

2ª estrofe: a tal ilha está “próxima e remota” (antítese), ou seja, ela existe, mas não existe. O seu som permanece audível, mas a ilha não é visível. Esta ilha é a “Ilha afortunada”, na qual a lenda diz que vive D. Sebastião, à espera de regressar numa noite de nevoeiro. Então, como se pode encontrar esta praia, se à vista só se vê mar? (vv. 12 – 14). Nenhuma nau irá encontrar o caminho, pois esta ilha é algo idealizada, espiritual.

3ª estrofe: Pessoa continua a sua ironia relativa àqueles que acreditam que esta ilha é real (“Haverá rasgões no espaço/ Que dêem para outro lado”).

Esta “Calma” que nos assalta depois da “Tormenta” é um medo imenso do abandono e da loucura. Assim, o sujeito da enunciação nega estes sentimentos, acreditando não numa salvação física (ilha física), mas sim numa salvação espiritual (ilha espiritual). Desta forma, concluímos que não há nenhum “país afortunado/Que guarda o Rei desterrado”, só o símbolo, o mito, resiste.

Quarto: ANTEMANHÃ

O mostrengo que está no fim do mar
Veio das trevas a procurar
A madrugada do novo dia,
Do novo dia sem acabar;
E disse: «Quem é que dorme a lembrar
Que desvendou o Segundo Mundo,
Nem o Terceiro quer desvendar?»

E o som na treva de ele rodar
Faz mau o sono, triste o sonhar,
Rodou e foi-se o mostrengo servo
Que seu senhor veio aqui buscar.
Que veio aqui seu senhor chamar —
Chamar Aquele que está dormindo
E foi outrora Senhor do Mar.

1ª estrofe: o mostrengo que aparece agora é diferente do que aparece em “O Mostrengo”, pois agora parece mais humano, mesmo não o sendo. É ele que agora fala e avisa os navegadores, quando antes era ele que se espantava com a passagem dos mesmos e que queria impedir as suas conquistas. Ele questiona retoricamente os portugueses pelo facto de permanecerem a recordar as suas conquistas

(mundo descrito em “Mar Português”) e agora não quererem desvendar o terceiro mundo (o do Encoberto e do Quinto Império) – “Quem é que dorme a lembrar/Que desvendou o Segundo Mundo,/ Nem o Terceiro quer desvendar?”.

2ª estrofe: Assim, a presença do mostrengo incomoda as mentes daqueles que recordam o Segundo Mundo e não o querem abandonar para explorar o Terceiro, como o mostrengo os aconselhou a fazer. O outrora “Senhor do Mar” foi-se, então, embora, revelando-se ele mesmo uma ilusão.

Quinto: NEVOEIRO

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer —
Brilho sem luz e sem arder
Como o que o fogo-fáctuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quer.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ânsia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a hora!

Valete, Fratres.

O poema final de Mensagem apresenta uma caracterização negativa de Portugal, país marcado pela falta de identidade, de entusiasmo, de objetivos e de valores morais. Portugal é um país fragmentado, mergulhado na incerteza, vivendo à sobra de um passado glorioso que morreu – “Como que o fogo-fáctuo encerra”. No entanto, o nevoeiro que envolve Portugal traz em si o gérman da mudança, indica um outro tempo anunciado pela exclamação final – “É a Hora!” – e pela saudação latina – “Valete fratres”. É o tempo do Quinto Império, que dará à língua e cultura portuguesas uma dimensão eterna e universal.

Verso 10: que se encontra entre parêntesis, configura-se como uma espécie de desabafo do poeta perante a descrição negativa que faz do presente da nação. Assim, a expressão parentética acentua o contraste entre o desânimo do presente e a esperança num futuro melhor. O sujeito poético exprime a esperança de que em todos nós haja um desejo de mudança, uma “ânsia distante” que, perdida no passado, ainda existe (“perto”).

O poema apresenta um tom melancólico:

- Caracterizado pela negativa deste “Portugal a entristecer”;
- Valor expressivo da personificação de Portugal;
- Falta de identidade nacional sublinhada pelas construções negativas;
- Estado de indefinição, incerteza, dispersão: ausência de totalidade – “nada é inteiro”;
- Simbologia do título/apóstrofe final/saudação - o nevoeiro, referido ao longo do poema para caracterizar Portugal, simboliza a mudança e a vinda do Quinto Império: “É a Hora!” (v.14). Assim, a saudação final destinada ao povo português incita à evolução e à renovação trazida pelo novo império.
- O apelo “É a Hora!” como resposta às interrogações do poema “Screvo o meu livro à beira-mágoa”.

Intertextualidade com *Os Lusíadas*:

145 No mais, Musa, no mais, que a lira tenho
destemperada e a voz enrouquecida,
e não do canto, mas de ver que venho
cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
não no dá a pátria, não, que está metida
no gosto da cobiça e na rudeza
duma austera, apagada e vil tristeza.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Canto X

Neste poema, como em “Prece”, o sujeito lírico lamenta o presente de indefinição e crise em que a pátria está mergulhada e exorta à mudança que equivale ao erguer do sonho do combate com o desconhecido, na perseguição da verdade. Do mesmo modo, no final de *Os Lusíadas*, o poeta exprime a amargura de saber a pátria “metida/No gosto da cobiça e na rudeza/Duma austera, apagada e vil tristeza”, para depois fazer um apelo a D. Sebastião, no sentido de impulsionar o ressurgimento da luta. Assim, o retrato de Portugal que Camões faz na sua obra aproxima-se do retrato feito em Nevoeiro – é o “Portugal a entristecer/Brilho sem luz e sem arder”, de Pessoa. A desilusão é, porém, maior: falta-lhe o grito de esperança que encontramos no poema pessoano.

Informações sobre a obra *Mensagem*:

Exaltação patriótica presente em *Mensagem*

Uma nação (pátria) é um conjunto humano unido por instituições comuns, tradições históricas e, acima de tudo, uma língua comum.

Intenção do poeta: transformação da sua pátria (decadente, incapaz de agir coletivamente e virada para um passado glorioso) em «nação criadora de civilização» através do poder do sonho.

Processo: evocação, com os olhos postos no futuro, dos heróis passados de Portugal, exemplos da vontade de mudança e da capacidade de ação, de modo a influenciar os portugueses do presente, transformando-os em agentes de construção do Portugal futuro.

Mensagem:

1. “Brasão” : A origem predestinada e o património divino a defender.
2. “Mar Português”: A capacidade criadora de Portugal.
3. “O Encoberto”: Envolto em nevoeiro, mas símbolo do espírito do homem das descobertas que cada português encerra em si.

O Herói

Aquele que se eleva acima da medida humana comum na defesa de um ideal, pela sua energia, coragem e sabedoria.

Dois tipos de herói:

- o que age por instinto sem apresentar consciência do alcance dos seus atos no futuro.
- voluntário, consciente dos seus atos e de ter cumprido um dever contra o Destino.

Ambos: encontram-se envoltos por um misticismo de algo a cumprir, existem em função do futuro que nebulosamente prenunciam.

Mito: Reconhecimento de um povo nos seus mitos: contributo para a construção de uma memória coletiva e de uma identidade própria, aspectos que prefiguram também um futuro comum.

Natureza épico-lírica da obra

Poesia épica *sui generis* – epo-lírica:

A poesia de *Mensagem* é uma poesia epo-lírica, não só pela forma fragmentária como pela atitude introspectiva, de contemplação no espelho da alma, e pelo tom menor adequado. Integra a matéria épica

na corrente subjetiva, reduzindo-a a imagens simbólicas pelas quais o poeta liricamente se exprime. Há assim na *Mensagem* uma dupla face de tédio e ansiedade, de cética lucidez e intuição divinatória.

Discurso épico:

- **Passado histórico:** exaltação de acontecimentos memoráveis e extraordinários, que veiculam uma visão heroica do mundo, protagonizados por figuras de alta estirpe (social e moral) que se impõem como seres superiores, de qualidades excepcionais, capazes de executarem feitos extraordinários, gloriosos e singulares.

- **Presente:** resultado consequente desse passado remoto e mítico que se projeta no futuro.

- **Recurso ao maravilhoso:** confere grandeza à ação e transpõe a verdade histórica para a dimensão do mito.

- Uso narrativo da **terceira** pessoa.

Discurso lírico:

- **brevidade** dos poemas, que encerram um valor próprio e isolado dos demais;
- interiorização, **mentalização da matéria épica** que é reduzida a imagens **simbólicas** através das quais o sujeito poético se exprime;
- expressão da **subjetividade**: presença «dominante» da **primeira** pessoa do presente;
- confluência íntima entre o eu e o mundo, o tempo e o espaço.